

1924 // V e VI  
3.000

1924 - 516  
5

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE  
LETRAS

ANO: 1924 – ANO: III - Nº 5-6

3000

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

ANNO III

JANEIRO A JUNHO DE 1924

NUMERO V

Publicação Semestral

SUMMARIO

Sessão de recepção em 7 de Setembro de 1923.

I Discurso de posse, pelo socio Oscarino Ramos

II Elogio do Conego José da Silva Guimarães, pelo socio Alcindo de Camargo

III Discurso de recepção, pelo socio José Raúl Vilá

Poesias:

A caçada de perdizes (Soneto) - D. Aquino Corrêa

A Garça (Soneto) - José de Mesquita

A volta das canôas (Soneto) - Lamartine Mendes

O Oriente - Miguel Angelo - A morte da aguia (Sonetos) - Augusto Calvacanti.

Do meu recanto - J. Terra.

O berimbau do veterano - Ovidio Corrêa

Páginas contemporaneas:

- Subindo o Cuyabá - Cruz do Valle -

Páginas esquecidas:

- Ode a Navarro de Abreu - A Corrêa do Couto -

Páginas dos novos:

No prau - Francisco Mendes.

Centro Mattogrossense de Letras - Relatorio do anno social 1922-1923

Publicações recebidas

**Discurso do Dr. Oscarino Ramos**

Exm. Sr. Presidente do Estado

Exm. Sr. Presidente do Centro M. de Letras e mais membros

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Quem, como eu, ha tanto tempo vem peregrinando pela asperrima estrada da vida; rasgando, esfarrapando, o seu manto de illusões nas urzes do caminho, batido pelas rajadas do destino inclemente; de continuo, empenhado em luctas tremendas, sem nunca manchar a sua pluma nos tremedaes da covardia; sopitando no ergastulo intimo todas as tragicas angustias do seu viver,—a vida é um grande gemido que parte do berço para se extinguir no tumulto;—quem, como eu, ao chegar ao zenith atordoante da sua existencia, cheio de maguas e desenganos, pensando que os dias que passaram não foram mais do que um terremoto que passou, sacudindo, ruindo, destruindo tudo para só deixar uma vaga saudade nos olhos, ha de sentir um fremito, uma vertigem, um Thabor dentro de si, ao dirigir a palavra a um auditorio tão fino como este, numa solemni-  
dade tão encantadora como esta, nella sendo *magna pars*.

Sim, ao attingir a esta idade de um cruel scepticismo, quando o homem estaca, melancolicamente, para olhar as suas tragedias so-  
turnas e amargas, e vê que na amplidão azul do ceu não ha mais a musica enlevadora da sua adolescencia e, sim, vagueiam azas cançadas de tantos remigios inuteis, nest'hora, eu sinto q' no meu espirito se abre um hiato luminoso e me reporto aos meus lias de fé e creio que para todas as dores ha um lenitivo, para todas as torturas um consolo, para todas as lagrimas um conforto.

Este milagre, numa alma cançada, só o Amor e Amizade realizam.

O Amor que faz duas almas gemeas, que tempera na mesma forja a alliança de duas vidas ascencionando para uma unica aspiração, que purifica o homem de todos os sentimentos impuros, em-  
presta-lhe candura de creança, desejos de bondade.

A Amizade, mais do que o Amor—não fosse ella feminina!—sentimento que só o tempo acrysolta, mutuação de affectos, faz quem

por ella é preso resvalar pelos precipícios das maiores temeridades, agrilhado nos ferros das dedicações.

Eu não podia iniciar este meu discurso, Senhores, sem fallar nesses dois nobilissimos sentimentos, sob pena de não ser comprehendido nesta solemnidade. Estes sentimentos que borbulham, que flúem de uma fonte purissima que é o coração—fonte da vida—explicam o meu ingresso neste Centro onde se congrega para um nobre e alevantado fim, — a propagação da cultura conterranea,—toda a aristocracia intellectual do meu Estado.

Não fossem o Amor e a Amizade, eu não estaria, por certo, occupando esta tribuna, nesta noite memoravel que reúne sob a ardentia destas luzes a belleza das minhas patricias, umas emprestando o seu encanto a esta festa, outras sonorizando este ambiente com os accordes dos seus instrumentos e com o seu apurado dizer..

Si o Amor e a Amizade me collocam nesta evidencia que me tonteia: a um eu devo o calor com que me exprimo agora, a outro eu devo o descerrar das portas que me permittiram penetrar no recesso desta selecta corporação.

E aqui devo confessar bem alto: somente á desvanecedora bondade dos amigos que conto neste Centro, eu devo a insigne honra de sentar-me, agora, entre elles.

Nunca jamais tive alguma pretensão litteraria. E' certo que, em tempos idos, produzi alguns versos, chegando a minha temeridade ao ponto de publical-os. Desses peccados da minha juventude, não me penitencio. Elles são a resonancia de uma vida que ficou lá longe, o unico perfume de uma idade florida, toda pontilhada de amores, sonhos e loucuras. Escrevi-os impellido pelos tumultos intimos que me agitavam, na esperança innocente de fixar algumas horas sonoras que fugiam céleres, procurando a sua cadencia no pulsar do coração que tinha, então, dentro de si, um passado de oiro a bater as suas azas agitadas. Coisas inoffensivas, suaves, sensações que mais tarde hão de despertar em mim, ao revel-as aquella torturante delicia que sinto quando leio "As cartas de amor" de Hugo, dolorosa e divina poesia que elle escreveu na desolação da sua velhice, recordando os dias felizes da sua mocidade.

Entretanto,—ai! as surpresas da vida—quando havia de pensar que os versos que escrevi na minha juventude constituiriam mais tarde o unico merito para ingressar-me neste Centro!

Nesta persuasão é que tomo assento na cadeira n. 10, cujo patrono é o inclyto mattogrossense Joaquim Murinho.

De que modo posso dignificar a cadeira sobre a qual se reflecte o vulto de um dos maiores mattogrossenses?

Não sei. A minha consciencia está apontando a minha insignificancia; os meus apoucados meritos succubem diante de tamanho commettimento.

Substituindo na cadeira n. 10 o digno consocio Joaquim Gaudie que se ausentou do nosso convivio, cadeira que tanto honrou e illustrou com a sua formosissima intelligencia, eu não posso furtar-me ao insopitavel desejo de apontar, pela rama, os assignados serviços prestados ao Brasil por Murтинho de quem, alias, o meu antecessor aqui, por uma morte assim, focalizou, numa bella conferencia, a soberba figura do estadista patricio.

Não! Basta um olhar pelo proscenio da nossa historia politica e nella, hontem como hoje, vamos encontrar tantos mattogrossenses ao seu lado, prova mais clara de que podemos viver sem peias estranhas porque na officina do saber e da intelligencia não se conhece fronteiras.

Sem fallar dos homens do momento que passa, os quaes bem conhecemos, procuremos fixar os traços da imponente figura de Joaquim Murтинho no agitado periodo da presidencia Campos Salles, quando elle era, então ministro da Fazenda.

Homem que sabia querer, servido por uma intelligencia impar, abrangendo com a sua retina de lynce todos os problemas que se debatiam em torno das finanças nacionaes, elle arrostou a onda irosa dos seus inimigos, e sem desfallecimento trabalhou para a consecução do fim que collimára. Trabalhou e venceu.

Hoje que a historia analyza aquelle periodo, ella faz a devida justiça ao grande mattogrossense.

Político e estadista, sabio o orientador, Joaquim Murтинho honrou a sua Patria e engrandeceu o seu Estado natal.

Reivindicar estes fóros para Matto-Grosso, trombetear as glorias dos conterraneos illustres, recordar sempre, apontar aos contemporaneos e porvindouros a galeria dos immortalizados pelas suas acções que praticaram no decorrer das suas existencias em prol de um Ideal, é obra meritoria, é um sagrado dever filial que devemos ao nosso berço.

A todo o mattogrossense cabe o dever de espalhar por todos os meios possiveis o que fomos, o que somos, o que seremos e não ficar insulado musulmanicamente, na vastidão territorial do seu Estado.

Eu que nasci, que vivo e quero morrer neste rincão estre-mecido, não me canço, não me cançarei jamais de exaltar os seus encantos que se reflectem no defluir dos seus rios, no estrondo iri-ado dos seus saltos, na opulencia das suas mattas, na vastidão verde dos seus campos delimitados, ao longe pelas cordilheiras azues.

E como que querendo corresponder a todas essas dadas da Natureza, o homem luta esforçando-se para dominar tudo e procurando ascender ás limpidas alturas fascinadoras do espirito.

Não sei que extranha emoção me toca quando fallo dos homens e coisas do meu Estado e me impelle a pronunciar aquellas inspiradas phrases de Alves Mendes, o grande orador sacro quando se referia a Portugal, sua patria:

“Não sei que encanto tem para nós este fragmento de solo onde vertemos a primeira lagrima, a este pedaço do ceu donde bebemos a primeira luz. Não sei que enlevo nos despertam esses lares onde tentamos os primeiros passos, e esses logares onde balbuciamos as primeiras preces. Não sei que emoção, que ineffavel, suavissima emoção—ora alegre como a esperança, ora melancolica como a saudade—nos communicam magicamente esses sitios que abrigaram o nosso berço ou que abrigam as cinzas dos nossos paes.”

Eu penso que todo esse carinho que temos pela nossa terra natal vem das primeiras impressões que recebemos na nossa infancia, dos prados onde corremos, dos sitios que visitamos e que nunca mais abandonaram nossa retina.

Idea mais excellente não podia haver do que essa de reunir varias intelligencias servindo a um grandioso fim que é tornar conhecido o nosso Estado entre os seus irmãos federativos. Foi o que se propoz o Centro Mattogrossense de Lettras. Sahindo das lettras frias do seu Estatuto para o campo das realizações elle já lançou á publicidade, por intermedio dos seus membros, bom numero de livros; uns, estudando a nossa historia, esclarecem os seus pontos controversos e obscuros, outros deixando-se levar pelas sesucções da phantasia, alvoroçam-se em louvores ás suas eternas maravilhas.

Núcleo de obreiros, delle irradiam as diversas manifestações do pensamento; elle aicerca a base de monumento que já toma vulto e fórma, que mais tarde attestará os nossos esforços em prol da nossa cultura. Obra lenta e perseverante, mas proficua e nobre. Por ella somente haveremos de ser conhecidos em todo o Paiz. Porque um povo, uma nação sem arte, sem litteratura, não passarão de uma agglomeração de pessoas, sem historia, sem costume, sem destino. Se alguma coisa mais eu pudesse almejar ao meu Estado com o fervôr que lhe dedico, seria que em cada uma das suas cidades se creasse um centro de lettras onde, trabalhando, se cultivassem todas as coisas delicadas do pensamento,—essa centelha que desce, directamente, de Deus ao homem,—porque da communhão de todos esses esforços, do tronco dessa arvore que se levantaria robusta e grande, mais tarde, sorririam

as flores dessas manifestações e não murchariam os fructos optimos dessa cultura.

Por enquanto não passamos de um alveario despercebido, ás vezes, resoante com o zumbir d'algum abelha doirada que procura encher o doloroso vasio com as deliciosas gottas que sugou nos livros.

Entretanto, para os divinos encantamentos nada nos falta.

Olhae, senhores, o nosso ceu como se tinge, pela manhã, das meigas cores levantinas e, á tarde, como florescem os magicos rosaes do seu poentes.

Meditae, um pouco, á margem nos nossos riachos claros e murmuros e, ahi, não encontrareis uma semelhança entre elles e o nosso destino?

Penetrae no recesso magestoso das nossas florestas povoadas de flores e cheiros de resinas e haveis de encontrar alguma semelhança entre ellas e as nossas lindas patricias que são mais sedutoras quanto mais esquivas e escondidas nas balsas da sua candura e simplicidade.

Em todas essas manifestações da natureza ha um germe latente e fecundo que é a Poesia, a Poesia que é a Arte, a Arte que é Elevação, Elevação que é Immortalidade.

Infeliz daquelle que não apprehende e nem percebe as multipas sensações que a vida lhe offerece e fica como aquelle pastor de Ingenieiros que, diante do espectaculo grandioso de um crepusculo, permanecia indifferente, tocando a sua flauta.

Viver não é somente contar os longos dias que passam monotonamente; mas, é encher a vida de sensações.

São essas sensações que corporificamos nas estatuas ou gravamos nas paginas dos livros.

Que panico se apodera de nós quando nesta correria louca em que vamos, o futuro nos interroga: que fazeis? que deixais para lembrar a vossa passagem por este mundo enganador? Com a nossa negativa, um terror tão grande de nós se apodera, como aquelle do qual ficaram tomados os soldados que mantavam guarda na esplanada de Elsenor quando lhes surgiu o phantasma shekspeareano.

Porque não volvermos o espirito para a alta região da Arte?  
Ser poeira e poeira confundir-se com a luz!

Martyrio que seduz, seducção que martyrisa!

Quando o cerebro se agita na ebulição de uma idéa geradora — infecundos que somos! — a penna range no papel, tantalicamente, querendo traduzir a ancia, os golfões de um coração que estala.

Ah! que na cidadella solitaria só penetram os Assignalados, esses que trazem arrastando "as purpuras fascinadoras das suas glorias tragicas", porque são fakirisados nas suas dores, nos seus grandes Sonhos.

Buscar essa coroa de espinhos, atormentado por todas as angustias, cahindo e erguendo-se com o seu Lenho, debatendo-se no circulo de ferro das suas dores, é quando o homem attinge o "Triumpho Supremo" que, Cruz e Souza, o bizarro poeta negro, em cujas veias corria o mais puro sangue azul de artista, descreve:

Quem anda pelas lagrimas perdido,  
Somnambulo dos tragicos flagellos,  
E' quem deixou para sempre esquecido  
O mundo e os futeis ouropeis mais bellos!

E' quem ficou do mundo redimido,  
Expurgando dos vicios mais singelos  
E disse a tudo o adeus indefinido  
E desprendeuse dos carnaes anhelos!

E' quem entrou por todas as batalhas  
As mãos e os pés e o flanco ensanguentado,  
Amortalhando em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando  
E entre raios, pedradas e metralhas  
Ficou gemendo, mas ficou sonhando.

Senhores! Enchamos de flores, flores de sentimento os minutos da nossa vida e procuremos perpetual-as, nos palympestos impereciveis. Deixemos assignalada a nossa passagem pelo mundo' procurando dar algum fructo da nossa intelligencia para que a nossa vida não se assemelhe ao fumo que espirala e se desfaz no ar, ou ao esgueirar rapido de uma sombra sobre um muro.

Tenhamos um Ideal e por elle trabalhemos. Porque, como bem diz o suave pensador contemporaneo Pontes de Miranda: "é preciso ter cheio o espirito de arrogancia e de fé, de desejo e de confiança—*libido sciendi*—para que se emprehenda e se leve a cabo a cruzada do Ideal."

Porque, assim, obreiros do presente, seremos contemporaneos do futuro, no dizer de Stael.

Senhores no recanto longinquo do nosso Estado, onde vivemos, escrevendo, fallando, trabalhemos pelo seu engrandecimento que é a melhor maneira de agradecermos a dadiva divina de termos nascido em seu seio, e para que se levante e ascenda para as grandiosas alturas, varonil e bello, com os nossos corações, o nome do Brasil.



Excmo. Sr. Presidente do Senado

Senhor

Senhor

# Elogio do Conego Silva Guimarães

REVISTA DO CENTRO

Exm. Snr. Presidente do Estado

Exmas. Senhoras

Senhores,

A literatura francêsa immortaliza pela penna famosa do poeta das Contemplações, a memoria de um moço genovês, figura dolorosamente torturada de intellectual que desprezando os céos benignos da terra natal fôra procurar na atmospha civilizadora de Paris, alento vitalizador ás rosas vilutineas de esperança que lhe desabrochavam no coração de jovem sonhador de glorias literarias.

Foi e lutou.

Lutou heroicamente; e o letal indifferentismo da intellectualidade festejada foi a pouco e pouco enfraquecendo-lhe a seiva, mimando-lhe a vida, levando-o por fenecer desventuradamente, incognitamente, como essas floresinhas que vegetando sob cupulas entrelaçadas de ramos resudantes de vida morrem tristemente, mirradas, sem osculos de sol.

Ymbert Galloix é um symbolo, diz o poeta francês.

Representa toda essa phalange de mocidade do presente, radiante e audaciosa, tendo em despontar no coração, auroras fulgurantes, que se arremessa com ardor intelligente e paciencia resignada a todas as manifestações da arte, anciosa de luz e de ar, de trabalho e de horisonte, se lhe deparando todas as portas cerradas porque os homens do pensamento e do governo não se preocupam com as tendencias incipientes.

Acolhendo-me ao vosso convivio, illustres membros do Centro Matogrossense de Letras, para collaborar comvosco no empreendimento indiscutivelmente util e vantajoso no qual vos empenhastes, viestes antecipar que não desejaes conduzir-vcs á guisa dos intellectuaes francêses, concertando-vos com essa cultura brasileira, honesta e delicada, que jamais decepou as espontaneidades florescentes persuadida de que "defeitos não fazem mal quando ha vontade de os corrigir", Machado de Assis, e mais além, na fulgurancia da literatura francêsa com o luminosa mentalidade do seculo 19.º, Victor Hugo, que em arte um fim desinteressado deve domi-

nar todos os genios e o dever dos que já subiram é aplinar o caminho aos que vêm lutando.

Não vos cingistes entretanto, em fazer deste cenaculo, uma aggremação em que apenas se galardoassem as aptidões manifestadas e se coroasse o esforço presente revelado.

No trabalho de restauração e reconstrucção do nosso labor espirital através os seculos, no vosso amor por cousas e factos da terra natal, no vosso zelo pelo renome de Mato-Grosso, fostes, religiosamente, onde a saudade perennal das câmpas silenciosas e mestas, de joelhos nos levam, aljofrar com lagrimas de gratidão a memoria dos vultos insignes que sedimentaram o nosso edificio social e intellectual, prestando-lhes homenagens e veneração que merecem, constituindo-os patronos desta associação belletrista, para que a vida lhes servisse de fanal ao paranympiado, dando assim o exemplo pela excellencia da acção, o valor pelo aprimorado do esforço, a gloria pela dedicação dispensada em pról dos compatriotas e da patria.

E na progenie de benemeritos cidadãos que insculpiram a sua fama nos lustros da historia matogrossense, tem o seu nome gravado em letras de bronze, o conegó José da Silva Guimarães, incarnação de intelligencia e probidade, que na peregrinação da vida sulcou fulgurosa esteira, attestado eloquente de sua robustez como intellectual e politico, patenteiando nas vezes que as necessidades da vida reclamaram-lhe a assistencia, a inteireza do seu valor, as primicias de suas virtudes, casando-lhe bem o estro do poeta:

"Da virtude és trophéo na ferrea idade

Grande em character e em saber profundo!"



Li alhures, talvez em Pires de Carvalho, referindo-se ao genial padre Antonio Vieira, que se deve julgar os homens como as contas-correntes, não pelo debito, nem pelo credito, mas pelo saldo.

Para capacitarmos do provento e precalço legado por um individuo a uma collectividade ou á patria, sob qualquer aspecto de sua actividade, torna-se mistér, o consideremos sob a luz da critica percuciente de Hypolito Taine, determinando-lhe a influencia da *raça*, do *meio* e do *momento*.

As raças constitutivas da nossa nacionalidade blindaram-nos da bravura indomita dessa.

"gente ousada mais que quantas"  
que arrostando as vagas bravias, que se encapellavam vertiginosas,  
nos mares distantes,

"no mundo commetteram grandes coisas";  
deram-nos o sonho fagueiro da liberdade e independência dos au-  
tóchitones da portentosa terra brasilica; a resignação dolorosa dos  
filhos dos ardentes céos africanos, e esse crisol que nos crystalisou  
o caracter, infundiu-nos essa brandura nimbada de poesia e mysti-  
cidade e melancolia de tardes outonaes que se transformam em arrojo  
e energia varonis nas lutas a que nos instigam o jugo tyrannico do  
despotismo e o ferrete da escravisação.

Accorde á indole da raça, o conego José da Silva Guimarães,  
brasileiro do jacz que luziu, foi innegavelmente expressão lidima  
de altruismo, paladino da generosidade, como evidenciou nas ad-  
ministrações que lhe solicitaram o concurso da robusta intelligen-  
cia.

O momento em que elle surge militante na politica mato-  
grossense fazendo parte de uma junta governativa, é um dos mais  
criticos periodos de convulsão da vida nacional. Por toda a exten-  
são que a serenidade do céu brasileiro sorri, accendia-se a luta, em  
paixões violentas, contra a arrogancia do prófugo lusitano, prepo-  
tente e orgulhoso, que procurava suffocar o sonho de liberdade e  
independencia despertado pela perspectiva deliciosa de republica-  
nismo consequente das idéas liberaes preconizada pela America e  
pela França, e que afagado, com sussurro de noival, no coração  
de cada brasileiro, esgalhava-se esperançoso, desenvolvendo-se, alar-  
gando-se por todo o paiz, até nos recantos mais longinquos, explo-  
dindo em porfias sangrentas e homicidas immoladoras de existen-  
cias preciosas de patriotas valorosos. Pernambuco, Parahyba, Ala-  
goas, Ceará foram scenarios do movimento. Padre Roma, Domingos  
Theotônio, padre Miguel de Almeida Castro os martyres gloriosos  
das aspirações libertarias.

Em Mato-Grosso os preludios triumphaes dos acontecimentos  
que visavam anniquilar e extirpar o absolutismo terebrante do nos-  
so solo, transpondo por vallados e montes, que perdendo céos e  
horisontes se distendem em lençol onduloso de verdura, chegavam  
acariciadores, em epithalamios rútilos, inflammando no peito dos  
nossos patrfotas o fogo sagrado do civismo, ateando malqueren-  
ças ao lusitano altivo e rudo, e rubro exaltado com as idéas re-  
volucionarias de Portugal, em 1820, que ainda mais vevificaram a  
esperança nacional, recrudesca o movimento, empolgava-se, moti-  
vando não poucas dissensões ardilosamente forjadas pelos enthu-  
siastas nativistas, designadamente por Navarro de Abreu, e perlon.

gadas, em reptos sanguinolentos, rematados no tragico 30 de Maio de 1834.

Concomitantemente o descontentamento exacerbado pela mudança da capital de Villa-Bella para Cuiabá, que originou não poucos dissabores, e o procedimento de Paula Magessi, o tragico governador de então, ambicioso, despotico e venal, degenerando o seu governo, praticando actos de pouca lisura, levaram Clero, Nobreza e Povo se estribassem nesta eventualidade para, mancomunados, deporem o desregrado governador a 20 de Agosto de 1821 e substituí-o por uma junta governativa na qual o conego José da Silva Guimarães figurou como elemento de concordia, de prudencia e esclarecimento.

Na asserção não vae um floreio de platonismo para alcandorar a memoria do patriota de polpa, que expoz á analyse da critica e á justiça da posteridade a sua actuação politica dirigida sempre á consolidação da consciencia moral do nosso valor e ao engrandecimento do Estado natal.

Não é bastante, entretanto, este facto contingente de pouca monta, como comprovação do espirito de escól, da sobrançeria e imperturbavel do conego José da Silva Guimarães.

Mas inconcusso é o seu valor, e realçada se lhe torna a reputação de honestidade e energia, o conhecimento da allocução dirigida aos membros da Assembléa Provincial em 1840, quando seu presidente, que temendo a attitude pudesse assumir o governo pelas divergencias havidas entre si e a Assembléa deixaram de frequentar-a, fugindo ao cumprimento do dever e postergando o compromisso de honra lançado no solio do imperio e no altar da religião:

”Concidadãos.

No momento de encerrar-se a presente sessão, sinto communicar-vos a pungente dôr que me opprime, por ver que alguns dos nossos collegas esquecidos do Sagrado Juramento que á face dos Altares têm prestado, traião seus deveres, deixando de comparecer às sessões, talvez por condescendencia, ou temor do Governo provincial, que não se esmerando em corresponder com leal e franca cooperação a esta Assembléa, deo motivo a que se divergissem as opiniões, e desta arte não haver numero sufficiente para formar-se Casa, privando assim a Provincia dos beneficios resultantes desta reunião, e sobretudo da Ley d’Orçamento.

Separamo-nos pois hoje em virtude da Ley que nos unio; vamos esperar que o tempo melhore nossas cir-

cunstancias, para então enchermos o fim da nossa missão, que é a felicidade da nossa adorada patria, e disto mesmo já informei circunstanciadamente aos nossos concidadãos."

Esto de coragem civica, serena e tonificadora, que esmaltiza o character dos que o modelaram com o cinzel de Quinet: "levantae sem descanso o vosso espirito á altura de um novo céu moral", lemma que foi a via sacra do conego José da Silva Guimarães, porque a sua vida foi uma verdadeira ascensão para a luz..



Assumi o Conego Silva Guimarães o governo da Provincia, por duas vezes, temporariamente na qualidade de vice-presidente; fulgiu constellarmente, entretanto, a acção efficaz do seu patriotismo acrisolado e a visualidade ampla do seu tino administrativo, na suprema direcção dos negocios do Estado, para cujo exercicio fôra nomeado por Carta Imperial de 30 de Juiho de 1840, empossando-se da suprema magistratura a 28 de Outubro do mesmo anno, consubstanciando a sua gestão de 26 mezes e dias, uma série de modificações e creações de alcance social e politico que enriqueceram o nosso patrimonio commum, sagrando-o á gratidão da posteridade matogrossense.

Culto e clarividente, todas as suas aspirações, preces de fé de um mysta fervoroso da grandeza da patria, revelaram-se para o melhoramento das condições publicas, concretizando os seus projectos sob um ponto de vista convincente illuminados nas verdades moraes e scientificas que lhe exornavam a cerebração de um dos pontifices intellectuaes do tempo.

As doutrinas que expõe, ou, pelo menos, os conceitos que esclarece, têm a concisão rija dos espiritos que se fizeram em crystaes e agem sob a pressão de maturado estudo e indiciadores de que elle se encandillou nos melhores autores do seculo.

As idéas são luzes da vida; as do conego Guimarães, considerando-se o periodo historico e a evolução espiritual, são como sóes veranicos que avançam os ante-manhãs enchendo a natureza de luz e azul: são avançadas, claras, liberaes, que animam e fortalecem; de respeito á liberdade individual e a lei, ao povo e ao imperio.

Os actos do individuo relativamente á sua propria individualidade ou em relação á sociedade são reflexos da concepção que elle abrange da finalidade universal.

A philosophia de Géca, o heroismo sereno de Socrates, arrostando a morte, a literatura soffredora de Oscar Wilde, são todas crystalizações de uma theoria.

Para o conego Guimarães, caracter plasmado na moral retemperadora do christianismo, a virtude é o baluarte que nos abriga de todos os pericimentos.

E' a sabedoria que se manifesta pelo prisma da coragem, da temperança e da justiça, como ensinára Socrates a um dos seus queridos discipulos.

Por isso, solicitando a inclusão no orçamento de 1841 da quantia necessaria para melhor aparelhamento da Typographia Official, paralyzada pelo governo anterior, observa :

A imprensa hé nos Paizes Constitucionaes favoravel aos homens de bem e funesta aos máos ; hé o terror dos tyranos e a salvaguarda dos opprimidos."

Deductivamente, para o conego José da Silva Guimarães a repressão aos excessos da imprensa emana do proprio caracter do individuo.

O homem illibado, as consciencias puras, esses não podem temer o retinir do combate dos corações pervertidos, que se não cansam de macular a probidade dos que ergueram o patrimonio da sua reputação pelo trabalho e pela honestidade, porque do volutabro onde pullulam essas almas poluidoras, as nevoas que sobem embaçadas, não maream a majestada das acções meritorias.

Cantou o poeta :

.....  
 "Ainda que te atrôe o negro bando  
 De torpes gralhas, e a feroz cohorte  
 D'inexhoraveis zoilos, escumando :

Resôa, applaude, exalta o sabio, o forte,  
 Que além das altas nuvens assomando  
 Colheu no Olympto o antidoto da morte ! "

E nesta convicção remodelou a Typographia dando á leitura publica o "Cuiabano Official".

\* \* \*

A aquisição da directriz, do espirito de justiça que conduz o individuo á abnegação de sacrificar o seu *eu* em beneficio dos principios superiores da moral, é producto de diuturna evolução social e intellectual, consequentemente do amanho do local em que se lhe vão operar as mudanças psychologicas.

E um dos maiores factores que directamente influem na transformação psychica individual é incontestavelmente a educação.

A educação constitue o habito que é uma segunda natureza  
E o fim da educação, assevera Tolouse, é formar o espirito.  
Apprehendeu-o o conego Guimarães fazendo dos seus principaes objectivos a propagação da instrucção e o beneficiamento das escolas.

Expondo a situação geral da educação no Estado e lamentando a má remuneração do professorado, pelo que é elle obrigado a descurar do que lhe compete para angariar recursos á sua subsistencia, exhorta a Assembléa Provincial solicitando recurços financeiros para a fundação de uma Escola Normal primaria e suavizar a situação desoladora do magisterio, fundamentando que :

“A educação hé uma verdadeira natureza : ella obriga o homem a deixar as inclinações perversas, e prepara desde a infancia o cidadão, que deve um dia servir a sua patria.”

Sós estes transumptos da sua administração bastariam para captar a sympathia e admiração ao illustre varão.

Infatigavel, a sua carreira publica resalta de commettimentos que abonam a sua capacidade, a sua força prodigiosa de operosidade, animando todas as manifestações de trabalho que pudessem contribuir para o desenvolvimento e prosperidade do Estado.

Cuidou da agricultura, como “ o mais importante fundamento de felicidade publica delle dependendo não só a vida e a tranquillidade dos homens, como o commercio, as artes e tudo o que contribue a dar força e respeito á Nação ”, suggerindo, como estimulo, a creação de premios ao agricultor que mais produzisse.

A documentação não demonstra tão somente o espirito de iniciativa do conego Guimarães; realça-lhe tambem a faculdade intuitiva, a sua antevisão no desdobrar dos factos.

O mestre da critica francêsa Taine, tambem o disse; que toda a floração artistica depende do melhoramento das condições geraes da vida.

E no intuito de não só fomentar a agricultura e o commercio, de aproveitar os braços fortes mas improductivos dos indigenas e chamal-os á luz do Evangelho, o conego Guimarães esforçou-se por incrementar a povoação do Salto Augusto, interposto propicio para entreter e intensificar as transações do Estado de Matto-Grosso com o Pará.

Para que o seu designio resultasse em realidade, cogitou da pacificação dos indios Apiacás, malocados naquellas riquissimas circumjacencias, os mais propensos á civilização, insinuando ao desideratum os meios de cathechisação branda, derivantes.

“ainda de grandes colonias proveitosas, não só para salvação de tantas almas, que estão fóra do gremio da Igreja; como para augmentar a população da extensissima mas despovoada provincia de Mato-Grosso e para novas descobertas que se podem esperar naquelle rico terreno, até agora desconhecido.”

E a proposito redigiu interessante memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Apiacás e descobrimento de novas minas na Provincia de Mato-Grosso, offerecendo-a ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era socio correspondente, estudo que a par as vantagens que expõe da catechese desses indigenas, de definir-lhes os traços physionomicos, as aptidões, as qualidades constitutivas do character, assignalou os tons de docura, a picturação paisagista, a pujança maravilhosa da natureza, dando a palpitação de vida e a riqueza abundante, que se esconde mysteriosamente como num escritorio fabuloso na vastissima região que borda miraculosamente o rio Arinos, em franca ostentação de vigor da matta virgem.

E para que não se degarrassem infructiferas as bandeiras que se internassem pelos enivos sertões que se desenrolam em alfombras esmeraldinas, como se déra com o padre Francisco Lopes de Sá, divulgou o roteiro para essas surprehendentes paragens em que se presumia recamar as divicias do nosso sub-solo, de informações havidas da Bartholomeu Bueno da Silva, Antonio Pires e João Leme do Prado.

Documentos preciosos não só como attestado das aspirações da epoca e informes da physiographia peculiares áquelles luxuriantes páramos mas tambem como uma pagina luzida de um periodo da historia de Mato-Grosso.

Não vale o conceito desvalioso do neophito á sentença indemo-livel de Pereira Lagos.

“Este trabalho, devido á illustração e experiencia do Conego José da Silva Guimarães, dará bastantes esclarecimentos aos que estudam a historia dos nossos indigenas dos seus usos e costumes, e assim tambem aos que exploram as nossas matas e rios, não só procurando novas fontes de riquezas e novos canaes de navegação e commercio com essa interior provincia de Mato Grosso” ... , “mas ainda aproximará os emprehendedores de descobertas á esse Monte dos Martyrios—que, mal assignalado nos antigos roteiros, mas sempre occupando a imaginação dos sertanejos, já parecia mysterioso ...”

O estudioso que desejasse escrever a nossa historia e mesmo a literatura, teria de deter, para o fazer conscienciosamente, nos trabalhos legados por esse illustre sacerdote, cuja vida se desfez em deslevo indefenso pelo enriquecimento do patrimonio da terra natal.

E o patriotismo que lhe acendrára o espirito não se circumscreeveu apenas a modalidades materias que se revertessem em beneficio unico ás rendas da Provincia, abrangendo igualmente as exigencias innatas do espirito.

Prefigurou-lhe esta luminosa verdade revelada por uma das mais fortes cerebrações da philosophia brasileira “que a religião é a sciencia do povo, é o grande principio que constitue a atmospherá do mundo moral.”

E sob a impulsão desta concepção, lançou as vistas piedosas para essa necessidade espiritual melhorando as egrejas nas quaes o officio divino se celebrava em choupanas, lembrando a construcção do Seminaric Episcopal projectada pelos seus antecessores, e lutando por manter a moral no gremio dos devotos para que as galas da alma não fossem inferiores ao proluxo do corpo.

Como Laménais, patenteou seu desvelo ao povo, procurando harmonizar os homens com Deus; e inspirado pelas nobres paixões da fé e da caridade adquiriu o sentido profundo das causas que commovem e abalam as sociedades.

As sua idéas accusam entretanto, no concernente, principalmente á educação, longa reminiscencia de leituras de Fenelon, de quem aliás, se approxima por grande afinidade idiosyncrasica.

M. Troufleau acentúa em Fenelon “du *grand seigneur*” e “l’homme d’Église”; no conego José da Silva Guimarães assignalamos o politico elevado que não descuro dos mesteres da religião; em Fenelon a sensibilidade, muita vez, predomina a intelligencia; a “a Memoria” do conego Guimarães realçando a necessidade politica de catechisação transpira do perfume da sensibilidade, suave do sacerdote.

Divergem-lhes os ideaes politicos; consideremos, porém, o meio e o tempo, repetindo Boileau :

“Des siécles, des pays étudies les moeurs  
Les climats font souvent les diverses humeurs”.

\* \*

E’ sufficiente esta reviviscencia dos facios que laurearam a vida do conego José da Silva Guimarães de cuja individualidade envidamos por estudar a evolução espiritual, a potencialidade e affinidade, e assim, congraçando a acção do politico á do pensador,

conceituarmos a sua personalidade e julgarmos então o saldo que deixou á posteridade mato-grossense.

Como politico, a sua glorificação vem da acção; foi um liberal em cujo coração, debaixo da samarra de sacerdote, abrazava em fogo o patriota como o fôram frei Caneca, Padre Luiz Vieira Sampaio, Cunha Barbosa, vibrando em ardor incontido em todos os acontecimentos sonorizados como um canto argentino de triumpho nas pugnas pela nossa emancipação politica, pronunciadoras de que as tintas negras que ensombravam o coração brasileiro flagellado já, pelos gemidos das lutas fratricidas iam transformar-se em tintas roseas crepusculares de manhãs sorridentes de paz; é o do trabalhador incansavel que se esgotára em sacrificios para erguer o nome da terra natal ao capitel da gloria que lhe é reservado na historia nacional; é o do exemplo de uma educação politica salutar conscienciosa, que sem deslustrar os credos scientificos-religiosos manteve o respeito aos direitos sagrados que os regimens liberaes estabelecem: lei e liberdade; direito e collectividade; trabalho e patria.

E se nos sustentarmos no postulado de Taine, de que pelos factos visiveis podemos perscrutar o homem invisivel, interior, pronunciaremos pelo que expendeu nas "Memorias" e pelo cuidado dispensado no seu governo ás casas pias, e ainda mais pelas suas inclinações ás virtudes apostolicas, que elle se banhou da luz deste pensamento de Jean Jacques Rousseau na comprehensão do amôr ao proximo, na pratica da verdadeira caridade.

"Quantos desventurados, quantos enfermos teem mais necessidade de consolação do que de esmolos!" A quantos oprimidos serve mais a protecção do que dinheiro! Dae o vosso coração, não pratiqueis somente esmolos."

E' este, senhores, o saldo da solidariedade humana, da philantropia, essa virtude doce, paciente e desinteressada de Alcebiades...

E inferindo esta face da vida do varão apostolico que desapareceu no sorvedouro da eternidade a 6 de Novembro de 1844, no Rio de Janeiro, occorreu-me o maravilhoso conto de Oscar Wilde "The Happy Prince" do jovem que em vida entre as pedrarias e faianças do palacio, não prelibára o sabor das amarguras da existencia, mas agora do topo da columna em que se levanta tão alto a sua estatua, descortinava toda "a deshumanidade selvatica e toda a miseria da cidade e ainda que o seu coração fosse de chumbo não podia deixar de chorar."

A' andorinha que tardia emigrando para o Egypto fugindo ao inverno poisára a seus pés, elle obsecrou, então, adiasse a sua par-

tida e distendesse o vôo por sobre a cidade a perscrutar o que nella se passava.

A andorinha alçou-se e na cidade só descobriu torturas e lagrimas, dores e miserias.

“Não ha mysterio maior do que a miseria”, disse o príncipe, e desfazendo-se de todas as suas gemmas enviou a mensageira a paliar o sofrimento humano.

Mas um dia o vento soprou mais rijo... e a andorinha, exausta, beijando o Príncipe nos labios, cahiu inane.

Momento após ouviu-se extranho barulho ao lado da estatua, como se alguma cousa fosse quebrada.

Fora o coração do Príncipe que, rolando abaixo, partira-se em meios.

Ao dia seguinte, pelo estado de ruina em que se achava a estatua, os conselheiros removeram-n'a, porque não mais sendo bella não tinha mais valor.

Mas Deus, disse a um dos seus anjos: “Traz-me as duas coisas mais preciosas da cidade” e o anjo trouxe-lhe o coração de chumbo e o passarinho morto.

Escolheste bem, disse Deus, porque nos jardins do paraíso, este passarinho cantará eternamente, e na minha cidade de ouro, o Príncipe feliz fará o meu louvor.

O Conego Guimarães foi uma alma, que se desvelou em acalentar os soffrimentos dos pobres. Foi uma alma bondosa, de sorriso e de amôr, que infelizmente a posteridade não lhe abriu a alma carinhosa, cobrindo-a de pó; mas nesse mysterio que envolve a natureza, o homem virtuoso deve sem duvida descançar na paz elysea dos justos.

Para o Estado de evolução espiritual em que se achava a Provincia na epoca em que o conego Guimarães apparece na nossa historia intellectual, se não se apresenta como escriptor primaz, offerecem-lhe as qualidades peculiares para o sêr, não lhe superando nem na elegancia nem no escoreito da linguagem os escriptores seus contemporaneos.

E' a epoca da iormação espiritual, em que, como accentuou Virgilio Corrêa Filho, se reproduz “em miniatura o mesmo phenomeno que se verificára no Brasil; as manifestações literarias em Mato-Grosso, em todo o decurso do primeiro seculo do seu povoamento, limitar-se-iam aos assumptos relativos ao exame da terra desconhecida, dos seus rios, dos accidentes orographicos, das suas minas, da fauna e da flora e das raças que lhe habitavam o territorio.”

Anchieta, Bento Teixeira Pinto; d'Alincourt, Ricardo Franco, José da Silva Guimarães com a sua "Memoria" sobre os indios Apiacàs.

O estylo... Permitti uma comparação bizarra :

Luz e espirito; o sol é o espirito da natureza ; o espirito é a luz interior do homem. A luz crea as perspectivas; o espirito forma os pensamentos que são concretizações das perspectivas que se fazem *de vidas*.

A coloração das perspectivas aza com o momento, posição e condição do local; a fórmula é a coloração do pensamento, sujeita-se ao tempo e ás condições locais.

Assim ha um estylo para cada povo, ha uma fórmula para cada tempo, consentanea á evolução espirital.

O romantismo crepitante, frondoso, de altisonancias, penetrou as lindes matogrossenses em 1870; o conego Guimarães desapareceu do vortice do mundo em 1844; era dominante então nas letras matogrossenses o classissismo.

O estylo do Conego Guimarães com os matizes peculiares aos escriptores deste periodo literario, é o espelho da sua personalidade que se caracterizava, pela sobriedade innata ao seu temperamento e a vibratibilidade, quando se derramava em extase de amôr patrio.

\* \* \*

Eis senhores, traçada em linhas geraes a vida do illustre cuiabano, que inspirado no mais elevado patriotismo, que pelo amôr ao trabalho e ao estudo mereceu a veneração dos seus compatriotas contemporaneos, as mais distinctas homenagens, exercendo os cargos da mais alta responsabilidade que o politico póde almejar, fazendo parte de egregias associações como o Instituto Historico e Geographico Brasileiro e que pelas suas virtudes apostolicas foi condecorado com as honras de Cavalleiro da Ordem de Christo, mas que a posteridade matogrossense, como os conselheiros de Oscar Wilde, relegou para o olvido, e vós, illustres consocios, inspirados no poeta de "The Happy Prince", na vossa obra de reivindicação, levando á sua memoria um ramo de goivo de saudades, o levantastes nas pyramides da glorificação.

Outro que fosse favorecido como Platão com o beijo das abelhas espalhando-lhe mel aos labios para que tivesse a maravilha da eloquencia; outro que tivesse as excellencias do pensamento e o aprimorado da linguagem deveria ser o escolhido para tecer o elogio posthumo do conego Guimarães.

A' culminancia e á aureola de gloria que cinge a cabeça veneranda do patrono, que por tantos feitos illustrou Mato-Grosso contrasta a humildade do paranyphadç.

Quizestes conduzir-vos pela lei da compensação que rege o mecanismo da harmonia universal; a luz intensa das grandes estrellas oppõe-se à luzesmaecida das estrellasinhas; á belleza que explendem e ao perfume que exhalam as flores dos palacios elegantes oppoem-se ás floresinhas silvestres e inodoras dos campos... e assim quizestes que a cadeira representada por um dos luminares da historia matogrossense fosse preenchida pelo mais humilde e obscuro de seus obreiros intellectuaes, contrastando o fulgor do vosso talento com o deprimor dos seus conhecimentos para que deste modo se estabelecesseno Centro o equilibrio das forças necessarias á harmonia da vida.



**Discurso de recepção, pelo socio  
José Raul Vilà.**

*Exmo Sr. Presidente do Estado*

*Exmas. Snras. e Snrs.*

Faz hoje, precisamente, dois annos, que neste mesmo recinto, e pela palavra encantadora de Dom Aquino Corrêa, se annunciava installado o Centro Mattogrossense de Letras. Dois annos apenas e quantas mudanças desde a sua fundação!

Hontem era a substituição do inesquecivel Leowigildo de Mello, desaparecido no turbilhão da morte truculenta; hoje, a de outros dois consócios afastados do nosso convivio.

Em virtude do estabelecido no art. 3. § 5 dos Estatutos do Centro os socios effectivos, não fundadores, que afastarem definitivamente sua residencia da Capital, consideram-se correspondentes, devendo-se proceder a nova eleição para preenchimento de suas vagas. E' o caso da mudança de domicilio dos socios snrs. Manoel Xavier e Joaquim Gaudie, para cujas vagas teve o Centro a felicidade de eleger os nomes, vantajosamente conhecidos, de Alcindo de Camargo e Oscarino Ramos.

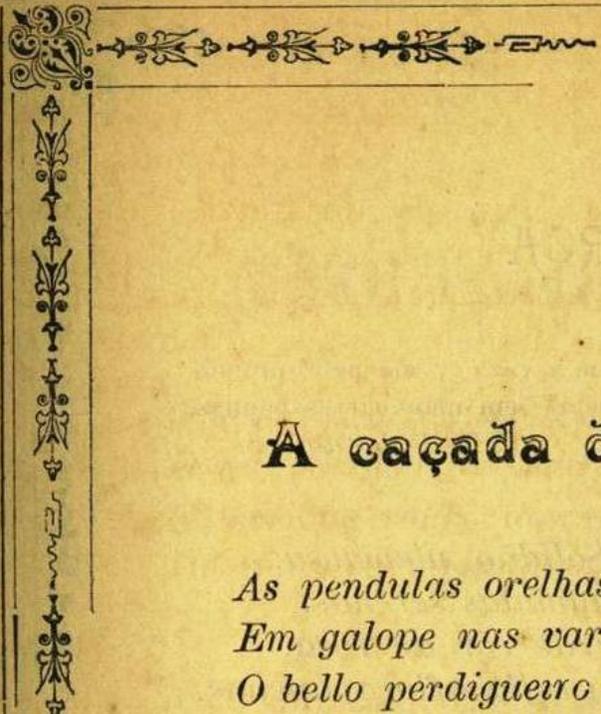
Não desejo, nesta simples saudação brevissima, te-  
cer o elogio a cada um delles, firmando me no merecimento dos seus escriptos. A Alcindo, como incansavel investigador da difficil sciencia de um Taine ou de um Sylvio Roméro, de que tem dado excellentie prova, em seus numerosos artigos jornalisticos. A Oscarino, como suave artifice das musas.

As luminosas palavras que acabam de proferir, repletas de reflexos artisticos, adduzem outros tantos argumentos em defesa da sua escolha.

Demais a mais, o Centro M. de Letras, ao recebê-los no seu gremio, não lhes poderia offerecer um banquete magnifico de iguarias appetecidas e raras, em que trescalassem rosas e luzissem crystaes. amenizado de musicas divinas. Sô lhes poderia mostrar o caminho amplo e difficultoso de um apostolado, recamado de asperezas e de abrólhos, o apostolado arduo das letras. Sociedade ainda nova, agindo num meio incipiente, não pôde envaidecer-se na contemplação de si mesma. Precisa trabalhar muito e muito para a sua propria elevação e para a do meio em que actúa.

Por isso os chamamos a collaborar connosco na grande taréfa do levantamento intellectual, que nos impuzemos. E eu, ao recebê-los, em nome do Centro M. de Letras, não encontro saudação que expresse melhor o nosso enthusiasmo, e ao mesmo tempo o nosso ideal, que aquella que adoptámos por lemma: *Laudémus viros gloriosos, pulchritudinis studium habentes.*





## A caçada de perdizes

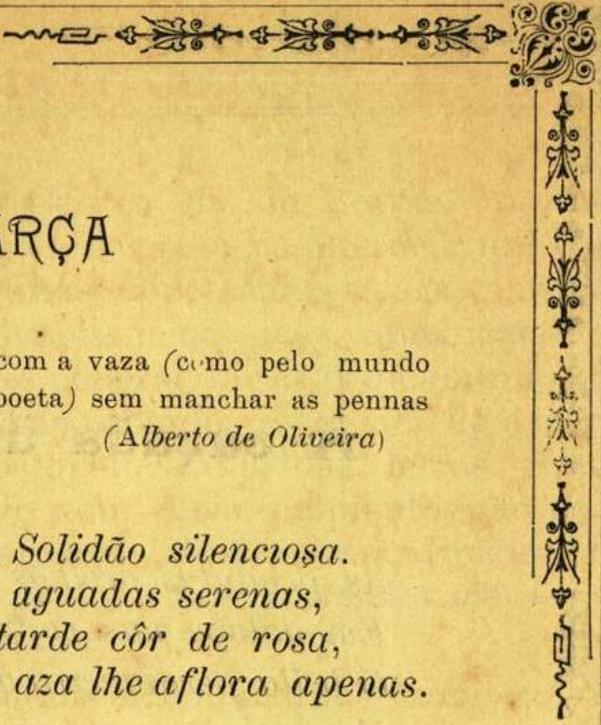
*As pendulas orelhas abanando,  
Em galope nas varzeas, á tardinha,  
O bello perdigueiro as esquadrinha,  
Furiscando a macega ao vento brando.*

*Subito estaca! E a cauda retesando,  
Fé ante pé, extatico, caminha:  
Apeia o caçador e vai azinha  
Encontral-o, já tremulo, «amarrando».*

*Bócca!—E a perdiz arranca e sae zunindo.  
Trôa o tiro! Mais ella, meio tonta,  
Foge e serena ao longe o vôo lindo.*

*Segue-a debalde o cão: ancias extremas!  
E já, como uma vaia, além desponta  
A gargalhada clara das sarremas...*

**D. Aquino Corrêa**



## A GARÇA

E vae com a vaza (como pelo mundo  
a alma do poeta) sem manchar as pennas  
(Alberto de Oliveira)

*Pantanal. Agua e céus. Solidão silenciosa.  
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,  
Vai a garça a vôar, na tarde côr de rosa,  
E da agua escura á tona a aza lhe aflora apenas.*

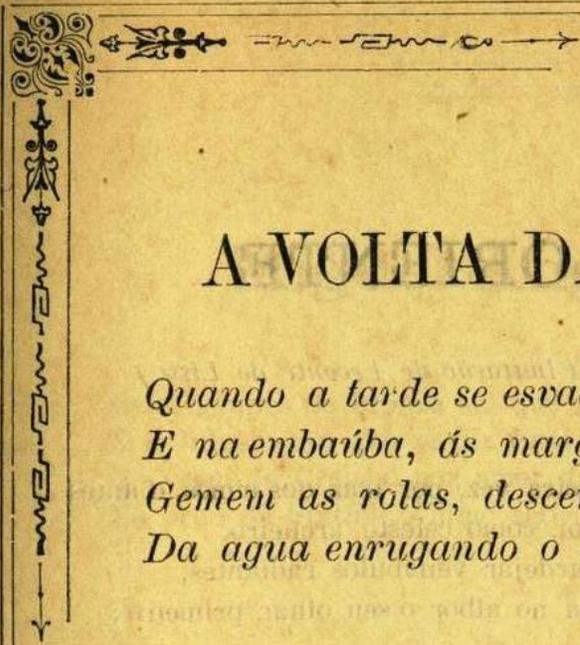
*Passa e no limo abjecto e na vaza asquerosa  
Não se lhe mancha o alvor e a candidez das  
pennas,  
Pois no vôc subtil deslisa, donairoza,  
Sobre as aguas de lodo e de impurezas plenas.*

*Alma de poeta, sê qual a garça vôando  
Sobre o vil atascal e sobre a lama impura,  
Olhos postos no azul, no ether sereno e brando...*

*Conserva teu ideal, tua illusão querida,  
E não turves jamais das azas a brancura  
No sordido paúl das torpezas da vida!*

1924

*José de Mesquita*



## A VOLTA DAS CANOAS

*Quando a tarde se esvae, dourando a mata,  
E na embaúba, ás margens das lagoas  
Gemem as rolas, descem as canôas,  
Da agua enrugando o espelho que as retrata.*

*Vêm da pesca. Um remeiro a voz desata,  
E canta; e as ondas quebram-se nas pôras.  
E pelas ondas tremulas e boas  
Ha reflexos de purpura e de prata.*

*E os madeiros, em fila, ao vento frio,  
Vão boiando, boiando, lentamente,  
Debruçados, tristonhos, sobre o rio...*

*Passam; e a noite cáe, pura e silente ...  
Passam... e depois fica o fugidio  
Manto de espuma aberto na corrente ...*

*Lamartine Mendes*



# O ORIENTE

(*Imitação de Leconte de Lisle*)

Quando, a primeira vez, por traz dos cimos, d'antes,  
O' Oriente, o sol, como celeste archeiro,  
Na sombra a dardejar venabulos radiantes,  
Te surprehendeu no albor o seu olhar primeiro;

Não tardou que teu mar de coruscantes lumes  
E teus bosques em flôr, de mystico matiz,  
Se povoassem, então, de mythos e de Numes,  
A natura animando umas visões subtis .

Porem, te abandonando o portentoso ambiente,  
O trocam nossos paes naquellas priscas eras  
Por novas creações do mythico Occidente.

Cedo viste volver a idade das chimeras  
E com ella extinguir-se o teu ideal por fim,  
Como ao sumir-se o sol na tumba carmezim .

*Augusto Cavalcanti*



## Miguel Angelo

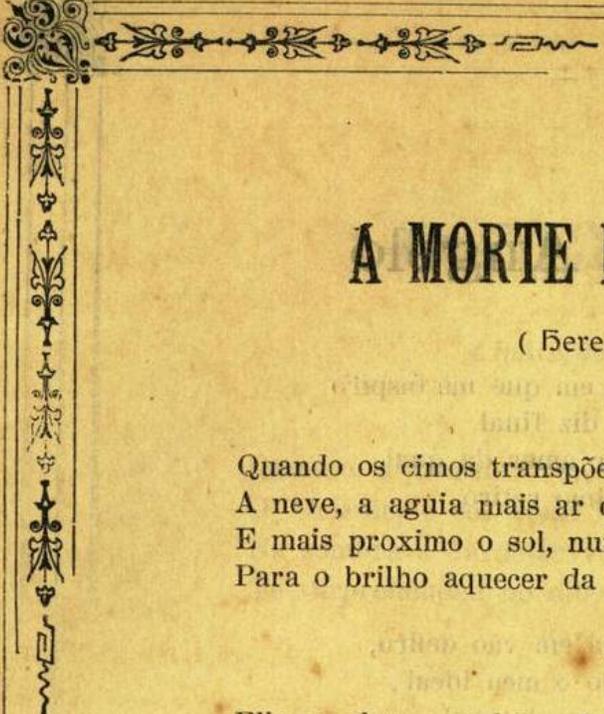
Esses grupos de bronze em que me inspiro  
E o Julgamento que se diz final  
Me veem da Crença, por amor da qual  
Eu orno da Sixtina o almo retiro.

No entanto, sobre a tela em vão deliro,  
Ou na pedra, esculpindo o meu ideal;  
Elle se esvae da forma esculptural,  
Assim como do marmore que firo.

Por não realizar o que imagino  
Foi que uma vez, num impeto divino,  
Ao concluir a estatua de Moysés,

Não attingindo a perfeição completa,  
Revoltou-se-me nisto a alma inquieta  
E meu cinzel arremessei-lhe aos pés.

*Augusto Cavalcanti*



# A MORTE DA AGUIA

( Heredia )

Quando os cimos transpõe, onde aos ventos oscilla  
A neve, a aguia mais ar quer em seu vôo ingente  
E mais proximo o sol, num ceo mais esplendente,  
Para o brilho aquecer da rutila pupilla.

Ella se eleva; aspira a fulgida torrente.  
Mais alto o vôo a erguer sempre, altiva e tranquilla,  
Sóbe para a tormenta, onde o fuzil scintilla;  
Mas o raio rompeu-lhe as azas de repente.

Com um grito atroz volteia e, emquanto a tempestade  
A leva, ella eriçada, em um trago brilhante  
Bebendo a flamma, cõe no abysmo fulgurante.

Feliz quem pela Gloria ou pela Liberdade,  
Na embriaguez do sonho e com animo forte,  
Em um momento breve expira desta sorte.

**Augusto Cavalcanti**

## DO MEU RECANTO

Nestas manhãs arrepiadas de frio é que me apraz contemplar da minha janella a cinta de morros que fecha o meu recanto do Engenho-Novo.

Com entretons de verde e amarello nos cabeços e um capuz cinzento na serra do Corcovado, lembra-me um horizonte de paizagem suissa, si é que na Suissa póde haver igual viço de vegetação e recórtes tão lindos de morros...

Mas de uma banda os montes estão pellados, apenas com uma grama muito tenra onde retouçam umas vaccas vadias e gordas. Nos grandes calores ellas costumam procurar a sombra da unica arvore nessa encosta.

Agora a arvore está toda ensopada e os galhos batidos da ventania escorrem tanta agua que a rampa do morro já se vae enchendo de veios barrentos, entristecendo, com suas manchas pardas, a verde pastagem, até ha pouco tão limpa...

Para o lado da frente a vista dos montes alegra um pouco mais. Nos dias de soalheira lá estão os cavouqueiros, com inaudita pachorra, tirando das pedras a canção monotonica de suas ferramentas, lavrando o granito com infinita paciencia. Agora a cambraia de neblina fel-os desertar a pedreira, toda mergulhada e emmudecida num socego adormecido. As casinholas que trepam pelos zig-zagues das fraldas, parecem muito lavadas de garôa e de longe são como grandes pintas muito alvas, na plumagem verdeneira da matta que lhe fica por de traz, no alto.

Em baixo, rangendo nos trilhos sem graxa, os bonds passam como arrastados, de vagar, com as sanefas de oleado preto muito esticadas, num resguardo timido destas chuvas miudas, continuas, deste inverno carioca, sempre cheio de pneumonias...

Foi por um dia assim inverniço que me cantou a vontade de galgar um desses cocorutos vizinhos, apesar da lama dos caminhos e das cercas dos quintalejos que estiram enormemente a caminhada, fechando atalhos antigos, obrigando á grandes voltas por verdadeiras novas, ingremes e desertas...

Mas que compensação no alto, com o encanto de um panorama surprehendente!

De um lado, para o longe, é uma extensa massa de telhados, de casas que se amontoam, se desdobram, perdem-se na distancia, em fitas compridas de ruas em torcicollos infindaveis. Perto, a baixada inteira do Grajahú, delimitada pelos cumes do Andarahy, com o Bico do Papagaic—uma rocha que avança como prôa de um navio suspenso nas nuvens e que nas nuvens se deixa ficar como amparado pela mão de algum gigante bemfazejo. E' todo um campo ridente com duas ou tres estradas por onde altas carroças, atonetadas de grossos mólhos, descem vagarosas ao passo cançado de uns bois vigorosos e lerdos, empurrados pela aguilhada comprida de moços galegos, robustos e descalços... E' um trecho de aldeia bem ao pé da nossa enorme metropole.

E é um trecho de repouso que vale mais que a inferneira das avenidas, o tormento dos autos em carreiras desabaladas, os pregões insupportaveis dos *camelots*, a multidão dos basbaques em redor, a onda louva á agua oxygenada, os *blagueurs* da politica, os *blagueurs* do jornalismo, o rebanho torpe das melindrosas rebolantes, tanta cousa irritante, meu Deus, tanta cousa... Voltemos pois aos nossos montes.

Para o lado do Meyer, é uma vista simplesmente deslumbradora são mattas tão espessas e extensas, de um verde tão vivo e luxuriante, extendendo-se por valles e collinas em feição tão imprevista, tão inedita e caprichosa, que perturba e arrebatá. A um e outro ponto *Dea-Palmaris* domina o tufo sombrio do arvoredó e no

mais dir-se-hiam trechos de floresta nos recessos ainda virgens do continente, tão grande é a sua espessura, tão emaranhada e copada parece a vegetação.

E, todavia, ali perto estão os jardins luxuosos, as vivendas abastadas, os parques dos argentarios, *bungalows* de feição tão pittoresca e risonha, os graciosos palacetes de torreões e minaretes acastellados como de paços solarengos. . .

Mas o conjuncto de casas e de fabricas, o conjuncto humano é tão pequeno, tão diminuido ante a belleza das baixadas, dos aclives, das planuras verdejantes e moças que, com esse panorama de tanta seducção e maravilha, facil será comprehender-se o extase alienigena e a exclamação do argentino: *La naturaleza!*

E nem ha como se lhe censurar o unico louvor que o Rio lhe arranca à admiração. O Rio póde ter toda a belleza da mão humana e todavia será sempre uma cidade esmagada pelo prodigio da sua natureza. Comprehende-se o aspecto colossal de Nova-York. O Rio porem, podem enxameal-o de quantos arranha céos, será sempre uma cidade pequenina perante o collar da sua serra gigante. E' uma impressão de qualquer ponto: quer do mar, entrando-lhe a barra, quer de qualquer pico de monte, Rio ou Nova-York que fosse, seria sempre uma pequena metropole, humilde e humilhada perante as suas serras altaneiras, suas aguas mediterraneas, o seu viço florestal, a paizagem maravilhosa, recanto em que Saint-Hilaire collocou o paraizo terrestre, caso tenha existido o local da lenda biblica.

Mas grandes pannos de nuvens começaram a correr do lado do Meyer. O amplo cariz do céu escuricia-se cada vez mais e não tardou que despejasse grossas bategas dagua com pancadas furiosas de córdas, açoitando-nos daquelles cumes. Foi uma descida precipitada que nem por isso deixou-nos menos intanguidos de frio e com um appetite de lobo. Valha-nos isso ao menos.

Eis porque nestes dias inverniços é que me apraz contemplar da minha janella a cinta de morros que fecha o meu recanto: galgal-osserá uma arrematada imprudencia.

RIO, Junho, 1923.

*J. Terra.*



## O berimbau do veterano

Preto, bem preto, cabellos brancos, bem brancos, alto, cheio de corpo, andar firme, passos regulares, percorre elle constantemente a cidade toda, de extremo a extremo, sobraçando sempre uns objectos, sempre seguido da garotada curiosa e arrelienta.

Prefere, no seu incessante caminhar, as arterias mais concorridas fazendo, de quando em quando estações pelas esquinas ou ás portas das casas publicas, mais ou menos demoradas segundo se lhe antolham mais ou menos propiciativas as paradas.

Um domingo, á tarde, estando varios companheiros a palestrar, sentados á porta da casa de um amigo, á rua 15 de Novembro, no 2.º districto, acerca-se o preto velho que passava, e, cumprimentando cortezmente sentou-se á beira do passeio, a pouca distancia do nosso grupo e foi, vagarosamente, hesitantemente, como receioso de encommodar, retirando de baixo do braço: um arco de madeira roliça e flexivel, do tamanho de um desses "bodoques" dos meninos, retezando porém uma fina casca de buriti, de pouco mais de meio centimetro de largura, em vez do barbante retorcido ou da linha grossa de pescar; uma comprida e velha faca de aço e uma fina vara de bambú. Pegando o arco por uma das pontas, com a mão esquerda, com a qual segurava tambem a faca, em sentido vertical, de modo a tê-la sempre ligada, do lado das costas á lamina de buriti, amparou a outra ponta ao hombro esquerdo, braço recurvado de modo a poder manter entre dentes a lamina de buriti, e, tangendo o instrumento dest'arte improvisado, aos rapidos contactos da varinha de bambú, guiada pelos dedos pollegar e indicador da mão direita, desferio uns sons metallicos muito brandos, co-

mo que vindos de longe, harmoniosos e variados, compondo quasi uma escala completa de notas musicas.

Não pude me conter sem levantar-me para ir me acocorar junto ao velho. na calçada e melhor examinar o instrumento e o modo de o tocar, só então me advertindo de que a lamina retezada pelo arco era de buriti e não de cobre, como se me afigurou de primeira vista.

—Velho. como consegue esses sons metallicos saídos de uma casquinha de buriti?

—Combinação, nhonhô, depende della ficá bem esticada, arrumada de geito nos dente e da posição da faca.

—Sons do berimbau...

—E' isso memo, nhonhô, chama assim memo, é o berimbau dos bugre.

—Como veio você conhece-lo e aprender a toca-lo?

—Foi em Miranda, nhonhô c'um indio preto. Eu era praça de linha e vim de Coxim, co'as força destinada a desalojá os paraguai do sú desta provincia, no tempo da guerra. Chegamo em Miranda já á noitinha e pegamo logo no serviço de armá barraca. Tava no principio da zafama quando eu ovi, a pôca distancia os som de um instrumento deste. Dexei barraca, dexei tudo, nhonhô, sem lembrá de castigo nessa hora e fui ovi o bugre preto tocá, bem de pertinho. Nois tava cansado, sujo, co fome, cabeça cheia de tanta buzão dos paraguai, alma sodósa (coração de negro tambem tem sentimento, nhonhô...), que aquelle toque me enlevô de mais. Muitas veis, depois, eu vi o bugre tocá; eu memo aprendi tamem, mas, nunca mais as musicas teve p'ra mi aquelle encanto.

E o preto velho saudoso, semicerrando os olhos lacrimosos fez ouvir uns dous ou tres sambas saltitantes, recordativos, sem duvida do tempo feliz de sua passada juventude.

Tranzcorrido o momento da emoção, que respeitei, voltei a inquerir o velho, mas, desta vez como a uma testemunha presencial da grandiosa epopéa maravilhosamente descripta por Taunay.

—Então você tomou parte na retirada da Laguna?

—Tomei, nhonhô, co'as força de seu coroné Camisão.

—Passou pela Machorra, penetrou em Bella Vista, brigou na estancia da Laguna?

—Sim sinhô, dahi é que vortámo e dahi é que começáro os nosso soffrimento. Vencemo os combate mas tivemo de vortá por falta do que comê. Os paraguai fôro crué, queria matá nós assado... batava fogo no macegá secco do campo e ia gozá de longe nosso suffocamento; era perciso fazê acêro largo pra nós não morrê queimado. Elles perseguia nós de perto porque tinha cavallaria; nós não tinha, nossos cavallo tinha morrido tudo, de peste e de fraqueza.

—Mas então porque não atacavam de uma vez, que receiavam elles?

—Bocca de fogo nhonhô; tiro de seu Cantuaria, de seu Gusmão, era certêro...; as veis iam fazê emboscada nargum capão adiante e cahia em cima de nós de surpresa, mas nunca pudero rompê nossos quadrado.

—A que batalhão você pertencia, velho?

—Eu vim feito voluntario, do Paraná, mas depois, quando os bataião de linha ficáro muito distarcado me botáro addido no 20.

—Batalhão valente...

—Sim sinhô!, c'o 21 tamem e os caçadô, de seu capitão Pedro Rufino.

—Conheceu seu alferes Taunay, da engenharia, e sabe que elle escreveu um livro bonito, desses feitos?

—Não conheci. nhonhô, os officiá de engenhero quando não andava pro fóra, nos reconhecimento do terreno ô fazeno ponte, tava lá pr'o estado maió, onde

nóis não ia. Do livro delle ovi fallá, disque é bonito mêmô!

—Como é seu nome, velho?

—João Francisco Regis.

—Está recebendo seu soldo de veterano?

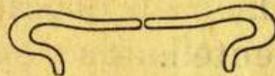
—Inda não, nhonhô, mas os papé estão entregue pr'a seus Orlando, que tão tratano delles.

—Estão bem entregues.

Estando satisfeita a minha curiosidade, dei por finda a palestra deitando no fundo do chapéo do velho uns meúdos que tinha na bolsinha, como fizeram também todos os companheiros e retomamos nossos logares.

O preto velho, embevecido, como que sonhando nos arcanos do peito algum facto agradável de sua vida, occorrido há mais de meio seculo já, desferio do seu berimbau, primeiro devagarinho, como se lembrando..., mas depois entusiasmado, febrilmente, os agredoces accórdes do apreciado "Santa Fé," paraguayô e lá se foi, avenida a fóia, andar firme, passos regulares, sempre seguido da garotada curiosa e arrelienta, no seu constante perambular.

*Roderico Voia.*



# Paginas contemporaneas

## SUBINDO O CUYABÁ

A. D. Aquino Corrêa

*Venus empallidece,  
Nas dobras do diluculo vacilla.  
O sol, abrindo aos poucos a pupilla.  
Da luminosa messe  
Rosas espalha pelo firmamento,  
Ma regia pompa do nascer do dia!  
O bello rio, tardo, somnolento,  
O seu destino interminio desfia....*

*A matta, espessa, escura,  
Os barrancos domina, derramando  
A sombra nemorosa. Soberana,  
Das copas emergida,  
Uberrima de vida,  
A colossal figueira, bracejando  
Sobre a immensa planura,  
Dos vendavaes de um seculo se ufana!*

*Ouve-se a matizada,  
Alacre, alvoroçada,  
Do passaredo, a volitar festivo,  
Que a garganta desata,  
Dos gorgeios na módula cascata,  
Para saudar o astro redivivo!*

*Um aroma selvatico rescende  
De folhas machucadas e de flores.  
Cantareja a cigarra, as azas solta  
E aos páramos ascende,  
Na suspirada volta  
Dos tropicaes calores.*

*No viço agreste das primeiras chuvas,  
Abre-se o manto roxo das piúvas  
E toucam-se de ouro os cambarás.  
Das aguas quietas o crystal ferindo,  
Passa, o vôo rasteiro despedindo,  
O bando silencioso dos biguás.*

*A' tona sóbe a lontra luzidia,  
E o caçador, audaz, na montaria  
Corre, em bracejos largos e viris.  
Nas densas frondes marginaes pousado,  
Pávido espreita, o lindo collo alçado,  
O cinereo perfil dos baguarys.*

*Nos altos tôpos, sacudindo as plumas,  
Ferem seu canto estridulo as anhumas,  
E vibra o gargalhar dos araquãs.  
Pelos pequenos areaes que alvejam,  
Os hydrosaurios, plácidos, rastejam  
Sob a esmeralda clara dos sarãs.*

*Fauscando no ar scintillações de prata,  
O cardume dos peixes arrebenta,  
Em fortes rabancadas.  
O echo, fugaz, expande-se na matta,  
E torna a placidez, fluindo lenta,  
Das aguas silenciadas.*

*Na curva, ao longe, do estirão comprido,  
Larga praia se estende e a nuveé esroaça  
Das garças, colhereiros e gaivotas.  
Grave, sombrio, de illusões despido,  
Um tuyuiú se mira e se debruça ;  
Depois, todo se embuça  
E, solitario. passa  
A pensar, a pensar, perdido e triste,  
Nas pradarias bellas e remotas  
Do pantanal que para alem existe.*

*Os verdes camalotes, conduzindo  
A nymphéa violacea e setinosa,  
Vão passando, a boiar, na correnteza.  
A flor exul, de languida tristeza,  
E' da saudade a imagem dolorosa,  
Sobre a voragem seu pezar ábrindo.*

*Hirsuto simio que a silvar parece  
Chamar alguém, alguém que não escuta,  
Nos cipós entrançados se emmaranha,  
E saltando, a seguir, de galho em galho,  
Hilare, inquieto, a se coçar, se assanha ;  
Ao alto, o limpdo horisonte escruta,  
E, demudado, desce  
Lambendo as folhas humidas de orvatho.*

*Dos impérvios corixos apontando,  
Vê-se o rancho a grunhir das capivaras.  
O cordão altaneiro das araras,  
A descrever ondulações bizarras,  
Vae o espaço cortando,  
Num estrugir sonóro de fanfarras.*

*De encantos meu espirito transborda,  
E, num deslumbramento,  
En vou seguindo a illuminada pista  
Que as fabulosas minas indicaram!  
O bello rio, tardo, somnolento,  
Que o seu destino intermino desfia,  
A epopéa recorda,  
Na gloria que irradia,  
Das heroicas bandeiras que o montaram,  
A' impavida conquista!*

**Cruz do Valle**



# Páginas Esquecidas

## “Ode a Antonio Navarro de Abreu”

Navarro, forte nobre Brasileiro,  
Em vão afoito vou traçar a scena  
Da tua vida illustre, mas só tenho  
Timida penna.

Não tenho ideias vastas, que me ajudem  
Na custosa tarefa a que me dobro  
Mas se pouco faz quem pouco póde  
Animo cóbro.

De pobres pais vieste á luz do dia:  
Foi-te grata a Fortuna, della usaste  
A favor do indigente, nem com ella  
Rigido foste.

Foi teu berço a cidade Cuyabana  
D'ali p'ra que da Lei as lições tomes  
Partiste ainda jovem, e logo ostentas  
Lucido nome.

Brilhante nas acções, brilhante n'alma,  
A patria sobre ti votos derrama,  
E te eleva á Tribuna, d'onde frustras  
Perfido trama.

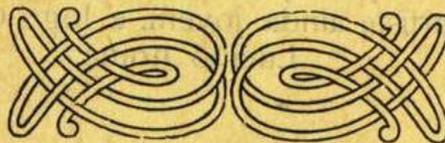
Quando o éco forte da voz tua  
A inimigos teus causava espanto  
Bafejou-te a desgraça, que respira  
Lugubre canto

Como varão preclaro, vil calúnia  
Caminhando de certo apóz tua fama  
Te lança em feio azylo, e só te deixa  
Misera cama.

Ali mirrado, exposto a mil despeitas  
• Livra-te de tal vida de tal sorte  
Ainda que teu peito a tua vença  
Barbara morte.

Deixaste o Brasil, Brasil ingrato.  
A manção celestial já tu subiste  
E cercado de glorias entre os anjos  
Placido moras.

**Antonio Corrêa do Couto**



## No pouso

Quando em fins de Abril, cessara de vez a invernia, e os campos, já amarellecidos, principiavam a florescer annunciando a secca, a tropa vinha de recolhida dos seringaes do norte aonde fora levando a ultima carga de fornecimento á comitiva.

Deixára a feitoria ao amanhecer, quando as cigarras precursoras da estiagem esfusiavam estridentes na matta do Arinos, e os passaros "poaieiros" entoavam em alegre chilreada o hymno matinal, enchendo de um som metallico toda a natureza, perfumada pelo aroma suavissimo das baunilhas maduras.

A recua, ora descarregada, guiada pelo macho "Pinhão", com o largo bussal de sola, todo enfeitado de prataria, e o grande peitoral forrado de velludo côr de vinho, adornado de fitas de côres, bimbalhando sincerros e campainhas de tamanhos e sons diversos, seguia, ao trote largo, poeirando a estrada, caminho de Diamantino.

O lote de animacs mais fortes e adextrados, ia tocado pelo Juca Queiroz, alcunhado Juca Boanga, caféuzo de peitaca de aço e saude de ferro, respeitado como o mais valente e o mais entendido de todos os almocreves e mestres daquelles caminhos invidios dos sertões matto-grossenses, cuja fama andava de bocca em bocca.

Duro como elle só.

Tinha historia que o fazia respeitado e temido de todos.

« Contavam o caso de uma vaquejada em que elle, cavalgando uma pol-dra "redomona", afamada como a mais corredeira de fazenda, sahira perseguindo um novillo que refugára a porteira do curral.

No momento em que aboleava o laço "para atiear na cabeça do marruá", o animal, mettendo os braços num "buraco de tatu", rodara passando por cima delle.

A laçada cerrara-se-lhe no pescoço e antes que pudesse livrar-se della cortando o laço com a "franqueira", a egua arremettera em disparada carreira campo a fóra, arrastando-o já de pé, pela chinha.

Então o preto "descambara tambem de carreira" seguindo o animal, na ancia de desatar a volta do laço, saltando moitas de gravatás e fundos regos das barrocadas,

Vendo que não podia desvencilhar-se da laçada, ao passar perto dum "cupi", donde se erguia a raiz duma licheira formando um arco, deu um salto para a frente, "mais violento do que um veado", e, encurvando o pescoço preso á raiz e escorando o corpo com as pernas embodocadas, num esforço supremo, "o laço tornou um estirão secco e pás... arreventou bem junto do afogador", e o cabra não sentira sinão a assadura da corda em redor do pescoço.

Elle mesmo gabava contando o caso como uma grande façanha e sempre mostrando os alvos dentes de piranha, arrematava dizendo: "vi a morte questes olhos, mas, vaso ruim não quebra".

—A tropa seguia a trilha ao trote lento. Lagartos fugiam, precipites, estalando as folhas seccas do chão, pondo de orelhas fitas os animaes solertes, dados a passarinhos.

De quando em quando, um o outro dos muares recalcitrante, sahia dos caminhos por entre a mattaria espessa, esbarrando os "cambitos

das sobre cargas, nos desalinhados troncos dos "angicos" gigantes entortando a carga...

«Echou! "Tenente", gritava o tropeiro, "osse tá malucando diacho"?

Eta burrinho incaufante, já tá c'o suan tudo escalavrado e nem como coisa, não atina c'o a estrada quo é um carreadô largo: é só esfregá—esfrega pr'o pau, apois a gente que leva culpa quando o patrão vê o dianho tudo relado.

Que vale que o Lavadô de Anta tá pertinho; daqui lá é um nadinha, fazemo uma derrubada pr'o pôso e aminhã cedinho, se deus quizê, vamo encostá em casa e descansá.»

O "Lavador de Antas" era uma immensa, profusa floresta aranhada de cipós, situada na mysteriosa solidão da serra das "Parecis", cortada pelo "Ribeirão-Grande" que passava gorgorejante por entre alcantis, rugindo fragorosamente, espumando, rebojando, precipitando-se de queda em queda numa garganta da serra enorme, roncando estrupidamente, enchendo toda a matta dum rumar continuo, cavo como o farfalhar do arvoredo pelo vento em noite de tempestade.

Onças, indios bravios, serpentes monstruosas e toda a casta de animaes ferozes, eram os habitantes daquellas cercanias.

O sól tombara já para o poente e por toda a vastidão da compina perdizes punham-se a piar pezarosas chamando pelo companheiro, quando o ultimo lote da tropa chegara esbaforide ao pouso.

Apeados, os rapazes apressadamente iam prendendo uma a uma, toda a mulada que se afastava indo soffrega desalterar-se nas aguas do brejo onde "maucos" e "e aranquans" grasinavam alegres.

Accommodadas as cangalhas em pilhas horizontaes sobre estivas de madeira, encimadas das broacas e cobertas com os l'gaes, os tropeiros arraçavam os lotes amarrados nas estacas, que espanejavam anciosos enchotando os "peuns" e "borrachudos" sugadores.

Sobre baixeiros extendidos ao solo, modorrava um perdigueiro.

Pensadas as machueaduras, escaldada com salmoura e limão os arreiros soltaram a recua depois de peiada, e a burrada toda espojou satisfeita, esfregando o lombo assignalado de cicatrizes, na areia aspera do descampado.

A um lado junto á barraca de lona parda já envelhecida pelo uso, reclinava ao lume o espeto da carne secca assada e sobre um "tacurú" de pedras ferviam o caldeirão de feijoada e a chaleira do aromatico congonha;

Escurecia —. O céu empallidecera nublando-se e a brisa morna da tarde espalhava por todo o acampamento o perfume das flores do "sassafráz".

Noitibós entoavam sua elegia funebre. A lua nova semelhava a lamina duma cimitarra engastada no firmamento.

Pela matt toda era um esfusiar iterativo de insectos noctivagos, e pelo campo, as moitas de macéga cobertas de vagalumes coruscantes, lembravam barracas illuminadas com fogos multicores.

Depois do repasto feito, deitados nas redes que pendiam dos troncos das arvores em frente a barraca, onde o chefe armara a sua, visto competir-lhe em virtude da hierarchia conversava o pessoal enquanto um, violava em punho, longe o pensamento, per lido em seismas, feria o pinho, estribilhando a velha toada dos sertanejos nortistas:

Neste mundo vivo penando  
De sôdade do meu amôr.

Cabra damnado, faz pena essa toada, disse alguém, cuidadoso talvez... Ora, conte algum caso dissera o cozinheiro, levando á bocca a colher de pau com que remexera o caldo da feijoada.

Indo agorinha, arrematou o chefe sahindo da barraca, estava me "alembrando" dum caso que me aconteceu no "seringá".

« "Vuncês" conhecero o "Mané Bahiano" ? .. »

Um escuro, "cabello pinxaim," que usava barba e era camarada do "difunto seu coroné" ...

Justamente !.. Elle é testemunha do caso.

Trabalhava eu por esse tempo "cá pr'as banda do Sumidô", continuou o caboclo com a sua facundia de avalentado, acocorando-se junto ao fogo, chegando uma braza aô cachimbo de madeira—foi isso no mez de Abril, e era quinta feira santa, "me alembro como se fossa hoje;" quando peguei da espingarda, "vae o Mané e me fala:" olha hoje não é bom dia de caçada, o "coisa-ruim anda solto tentando gente;" "melhó vamo pescá".

"Quá," respondi, que perigo pôde "havê" ? se o cuca facilitar como elle c'um balaço da "38", e sahi "furando o matto," atolando no lameiro em busca dalgum bicho.

Pescar é coisa que nunca me ageitou, "nem nunca tive paciencia pr'isso," e era "infiliz mesmo:" quando jogava a linhada no rio, era como se tivisse "pinchado no pote dagua". Todos os companheiros estavam tirando peixe e eu, nem "bagre sapo".

"Dispois," perigo de que ?!.. De onça não tinha medo porque o "Gaviné," era cachorro garantido, farejava o trem de longe.

Bugre, não tinha risco porque elles "eram nosso amigo:" o unico mal que os "cumpadres fazia, : era mijar nos canecos, assim mesmo quando a gente buia "quelles".

Mas, "acredite Vuncês," daquillo que a gente menos espera é que vem persêguição.

Eu andava beradiando o rio na esperanza de encontrar "algum veado deitado por debaixo das zambocada".

Ia andando atento, só mimando o cachorro não deixando elle adiantar muito de mim.

A certa altura, "uvi um grito," como de gente que tivesse me chamando; "parei e iscuitei".

Tornou a gritar.

Falei, "duvida bem que é o Mané que vem me percurando," elle não queria que eu "vinhesse".

Tornou a gritar, e ahi eu respondi, e "assim fomos indo," uma vez o grito vinha, outra vez eu respondia.

De repente, o "Gaviné," que "ia ansim pr'uma banda" uivou bem juntinho do um pé de "angelim," e "deu de correr pr'a tra: c'o rabo no vão da perna, tudo ripiado".

"Indireitei pr'o o arvoredô".

Olha moço !... Na sapopema, estava "inté uma altura ansim"—e er suendo-se da posição em que se achava, mostron aos ouvintes com a mão aberta horizontalmente, a altura do peito—"ansim," sujo de tijuco, como-se algum bicho grande tivesse cossado o lombo no páu.

Enquanto eu i aminava se tinha aglum rasto no chão saltou na minha frente um bicho com "cara de bugiu," pulando só num pé.

Figa !.. Exclamaram.

“ Sim senhor ” o cabelo delle era como rabo de burro e “ cubria o corpo desde a cabeça “inté o imbigo,” onde apparecia uma “ rodellinha redonda,” “ allumiando como espelho.

Olho delle era redondo como olho de “ truvira ” e a bocca “ taliquá de munsum “.

O diabo creseceu pr'a mim e não me deu tempo de correr bala na agulha: elle avançava eu rebatia c'a coronha da espingarda, tornava avançar eu rebatia, e ansim “ fomos indo, fomos indo ” inté que chamei a bala no cano ”.

Quando o “ maldiçoado ” torrou a avançar, “ tafaiei ” dentro da gueia delle a bocca da “ 38 ” e “ carquei o pingu llo ”.

Pois olha! O bruto me deu um “ panazio ” no joelho e sahiu pulando e gritando, escarrando sangue p'ro matto

Ave Maria!.. Disseram.

Pois éra o “ Pé-de garrafa ” excommungado que vinha me trahindo, me farejando.

Não morreu perguntaram ?

Qual nada, respondeu o cafuzo, o marvado ‘, disque ” só morre, quando o tiro péga no espelho do “ imbigo ”.

Te esconjuro! Ave Maria, repetiram amendrontados os rapazes.

Tambem nunca mais quiz saber de caçada em dia santo.

“ Se duvidá,” foi o “ cuca ” mesmo que “ tentou vuncê, disse o cozinheiro empurrando brazas, avivando o lume!

E' mesmo, concordaram. »

Silenciaram.

Nos grotões da serra, urrou a suçarana ”

Houve uma estrupida de animaes peados, rumo do acampamento.

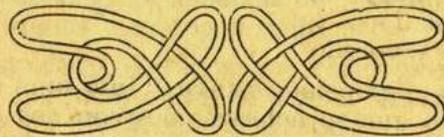
Os vagalumes levantaram o voo das moitas de macega e gyro-gyravam coruscantes no espaço

Os tropeiros com as carabinas engatilhadas passaram revista á reza  
Não é nada disseram, “ foi só mode o susto ”.

Recahiu novamente o silencio no acampamento, só perturbado pelo rumor escachoante do Ribeirão, pelos gritos espaçados dos “ urutáus ” no matto e pelos latidos do cão vigia.

Varzearia, Fevereiro, 923,

Francisco Mendes



Centro Mattogrossense de Letras  
Relatorio do anno social de 1922—1923

*Meus caros consocios*

Comquanto não cogitem os nossos Estatutos da apresentação de um relatorio em que se dê conta do movimento annual da nossa sociedade, julgo do meu dever trazer ao vosso conhecimento, em succinta exposição, o que de mais notavel se verificou entre nós no lapso de tempo que medeia entre a ultima e a actual renovação da Meza.

Não faço mais com isso do que buscar corresponder á confiança com que me honrastes e aos meus dedicados companheiros de Directoria, procurando desta arte demonstrar o esforço que, á mingua de outros predicados, tenho posto no intuito de bem servir ao "Centro" no desempenho do mandato de que me vejo inmerecidamente investido.

A ultima vez que me foi dado dirigir-vos a palavra em idetica circumstancia para esboçar o trabalho do "Centro" no seu primeiro anno de vida social, assignalei que, do programma inscripto nos nossos Estatutos, dois pontos vinham, pela sua relevancia, merecendo a particular attenção da Meza: a Revista e a série de conferencias de estudo dos patronos.

Hoje, um anno após, tenho a satisfação de dizer-vos, corroborando aquella asserção, que continuam a merecer os nossos desvelos, esses dois assumptos que constituem, por assim dizer, a affirmação da nossa vitalidade e o indice do nosso trabalho colectivo.

## A Revista

A revista vai sendo publicada regularmente e, com pontualidade digna de registro no nosso meio, em que como sabeis, não poucos nem pequenos são os obices a iniciativas desta natureza.

A' excepção do 1.º numero, editado na typographia do Sr. João Pereira Leite, têm sido os demais impressos nas officinas profissionaes salesianas, nada deixando a desejar quanto ao trabalho material que depõe a favor daquelle estabelecimento de artes graphicas.

## As conferencias

A serie de conferencias continua a ser realizada com geral agrado em concorridos saraus litero-musicas que já penetraram nos habitos de nossa terra, constituindo-se, indubitavelmente, elevada escola de cultura e aperfeiçoamento intellectual.

Alem das quatro de que vos dei noticia no meu ultimo relatorio foram proteridas mais tres outras da serie de elogios patronicos, em datas de 27 de Fevereiro, 21 de Abril e 7 de Setembro corrente, occupando a tribuna os nossos talentosos consocios Antonio Fernandes de Souza, Ovidio de Paula Corrêa e Alcindo de Camargo, que analyzaram a vida e obra de seus illustres patronos Luiz d'Alencourt, P. Ernesto Camillo Barreto e Conego José da Silva Guimarães, alem do bello discurso de recepção do nosso digno consocio Oscarino Ramos, com referencia ao seu patrono Joaquim Murinho.

Para 12 de Outubro pv. está marcada a 8ª conferencia, na qual discorrerá a cerca de Manoel Esperidião o nosso prezado confrade Octavio Cunha Cavalcanti.

Realizou ainda o "Centro" o grandioso festival commemorativo do Centenario da Independencia, conjugados para tal objectivo os seus esforços aos de outras

duas sociedades culturaes do nosso meio: o Instituto Historico e o Gremio "Julia Lopes"

### Eleições

Para o preenchimento de tres vagas existentes, uma em consequencia da morte do nosso inesquecivel consocio Leowigildo Martins de Mello e duas outras em virtude de mudança de residencia dos nossos prestimosos confrades Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa e Manoel Xavier Paes Barreto, procedeu-se a eleição, em data de 1 de Dezembro do anno transacto e 20 de Junho do fluente, sendo votados os nomes dos nossos distinctos conterraneos Ovidio de Paula Corrêa, Oscarino Ramos e Alcindo de Camargo, actuaes occupantes das poltronas n. 5, 10 e 15, respectivamente.

A posse do primeiro effectuou-se a 21 de Abril e a dos segundos em 7 de Setembro corrente, sendo recebidos em nome da corporação pelos nossos illustres confrades Palmyro Pimenta e José Raul Vilá. Acha-se assim completo o effectivo social que, infelizmente, não deixa de resentir se da falta de bons elementos que, por circumstancias varias, se encontram privados, em virtude da sua ausencia desta Capital, de collaborar connosco na obra que o "Centro" vai procurando effectuar.

A 15 de Agosto findo procedeu-se de accordo com a disposição regulamentar, á eleição da Meza, empossada solemnemente a 7 deste.

### Renúncias

Durante o anno social findo dois socios resignaram as suas cadeiras neste "Centro". Foram elles os Snrs. Estevão de Mendonça e José Magno da Silva Pereira, sendo os officios de renuncia datados respectivamente

de 30 de Novembro de 1922 e 27 de Fevereiro deste anno.

Submettidas á discussão e approvação da casa essas renunciias, ficou deliberado, quanto á primeira não se tomar conhecimento, visto tratar-se de socio fundador, qualidade esta irrenunciavel e, com relação á segunda, nomear-se uma commissão que obtivesse do socio resignatario a retirada do seu pedido, no que, com satisfação nossa, conveio aquelle digno confrade.

### Situação financeira

Vago o lugar de Thesoureiro por se ter ausentado desta cidade a nossa distinta consocia D. Anna Luiza Prado, nomeei, nos termos dos Estatutos, para substituil-a interinamente o nosso estimado consocio Franklin Cassiano da Silva, escôlha que houvestes por bem homologar, suffragando-lhe o nome na eleiçãc de 15 de Agosto pp.

Deliberou a casa, em sessão de 18 de Março deste anno, dar ao Agente da Revista Sr. Benedicto Augusto London as attribuições de Procurador do "Centro" para a cobrança de joias e mensalidades, resolução esta que veio facilitar o trabalho da arrecadação, uniformizando a escripta e enfeixando em uma só mão todas as funcções fiscaes.

Da gestão do nosso Procurador fallam eloquentemente as cifras do minucioso balancete annexo que tenho a honra de submetter á vossa apreciação e, mais do que isso, posso attestar da sua operosidade atravez dos livros, correctamente escripturados, e da sua dedicação no sentido de tornar quanto possivel perfeito o nosso systema de arrecadação das rendas oriundas das joias, quotas mensaes. assignaturas, venda avulsa e annuncios da "Revista".

O balancete referido accusa, até 5 de Setembro fluente, o saldo de 546\$320 a favor do "Centro", estando pagas todas as despesas, concorrendo para essa folgada situação financeira a dotação orçamentaria de 1:200\$000 annuaes, renovada no orçamento estadual deste anno para o exercicio de 1924.

Entre outras despesas extraordinarias tomei o alvitre de promover a inscripção dos nossos Estatutos no "Registro especial das sociedades civis" assegurando assim a necessaria personalidade juridica ao "Centro" nos termos das leis vigentes.

### Relações com o governo e com outras sociedades

São as mais cordiaes e auspiciosas possiveis as relações do "Centro" com os altos poderes dirigentes do Estado, sempre sollicitos em prestigiar-lhe a acção, no que bem demonstram a sua alta comprehensãa da necessidade da disseminação da cultura e desenvolvimento intellectual em nossa terra.

Igualmente amistosias têm sido as reciprocas demonstrações entre o "Centro" e as sociedades congeneres desta Capital e de outros Estados, com as quaes mantemos assidua e regular correspondencia.

### Conclusão

Ahi fica descripta, em linhas geraes, a actuação do "Centro Mattogrossense de Letras" atravéz do 2.º anno de sua fundação.

Finalizando esta ligeira e perfunctoria digressão só me resta, com os meus sinceros e cordialissimos agradecimentos pelo vosso dedicado concurso, a que se deve tudo o que temos podido até hoje fazer, solicitar-vos mantenhaes de futuro essa mesma leal e efficiente col-

laboração, afim de que, em perseverante labor, em continuidade de acção proficua, prosigamos servindo a nossa terra bem amada, numa obra de que o presente pode abstrahir e até escarnecer. mas que ha de, sem duvida, ser devidamente apreciada pelos que, mais tarde, vierem abrigar-se á sombra da arvore cuja humilde semente nós lançamos ao solo.

Cuyabá, 23 de Setembro de 1923

*José de Mesquita*

Presidente



## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS

*Braz do Amaral*—Acção da Bahia na obra da Independencia nacional.

*Alcides Munhoz*—Discurso na Academia de Letras do Paraná por occasião da recepção do academico D. Alberto Gonçalves

*Luiz Feitosa*—A Poesia nova (palavra á respeito).

*Revista da Academia Brasileira de Letras*—nos 7 a 23.

*Revista do Instituto H. e G. do Pará, anno VI vol. IV.*

*Revista do Instituto Archeolog. H. e G. Pernambucano vol. XXV nos 119 a 122.*

*Revista Trimensal do Instituto de Ceará, anno XXXVII, vol. XXXVII.*

*Documentos para a Historia da Academia Espiritosantense de Letras.*

*Prospectos do Lyceu Salesiano de Artes e officios.*

*Jornaes:*

"O Correio do Sul" de Campo Grande

"A Razão" de Caceres.

"O Progresso" de Ponta Poran.

"O Paranahyba" de S. A. do Paranahyba.

"A Noticia" de T. Lagôas.

"Gazeta do Commercio" de T. Lagôas.

"A Viola" desta Capital.

## BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

### DEPOSITOS

- O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:
- Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com retiradas livres . . . . . 5<sup>o</sup>/<sub>o</sub>
  - Em contas sem limite, com retiradas livres 3<sup>o</sup>/<sub>o</sub>
  - « « « « com aviso prévio . . . . . 5<sup>o</sup>/<sub>o</sub>
  - « Depositos a prazo fixo de 1 anno . . . . . 6<sup>o</sup>/<sub>o</sub>

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

### Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios  
e artigos de optica  
Officinas de relojoeiro,  
ourives com lapidação de  
diamantes annexa  
Bolsas de prata  
Brilhantes mattogrossenses

**Rua 13 de Junho 27**

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

### Casa Esperança

DE

**Calil Mansur Bumlai**

Especialidades em

*Chapéus*

*Calçados*

*Zecidos*

Artigos finos—Preços  
ao alcance de todos.

**Rua 1.º de Março n. 17 — 19**

## Casas Bom-fim e A Cuiabana

DE

RAGI BADRE & C.<sup>IA</sup>

2º DISTRICTO E

RUA ANTONIO JOÃO N. 36

Telephones: 86—104

*respectivamente*

Especialidades em;  
Fazendas—Chapéus  
Cilindros—Armarinhos  
Roupas Leites Perfumarias  
Fazendas finas  
Trêças da moda e Miudezas  
Preços sem competencia—  
Ver para crer.

## Pharmacia Rondon

Do Pharmaceutico

## Gerardin Silva Rondon

Novo e completo sortimento  
de drogas, productos chimicos  
e especialidades pharmaceuti-  
cas nacionaes e estrangeiras.

*Manipulação esmerada*

Attenle á qualquer hora da  
noite

RUA 15 DE NOVEMBRO, 34

Telephone 41—Porto

CUIABÁ—MATTO-GROSSO

## SERVIÇO FUNERARIO

DA CASA DE

## VICENTE GAETA

Rico e variado sortimento de  
artigos funerarios. Aceita en-  
commendas a qualquer hora  
do dia ou da noite. A chegar:  
um rico sortimento de corôas  
funebres

RUA B. MELGAÇO 44

TELEPHONE 213

## Objectos religiosos

— *Medalhas* —

de aluminio e prata oxydada

— *Terços* —

de jaspes, osso, vidro,

— *Crucifixos* —de metal oxydado e nikelados  
com incrustação de madeira— *Imagens* —lindissimas em cartão, pierre e  
gesso— *Chromos* —

e santinhos etc... etc...

*No Lyceu Salesiano*

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

ANNO III

JULHO A DEZEMBRO DE 1924

NUMERO VI

Publicação Semestral

**SUMMARIO**

Elogio de Manoel Esperidião—pelo socio Octavio Cunha  
Mez de Maria, soneto—D. Aquino Corrêa  
A tropa—De pouso—sonetos, Lamartine Mendes  
A cigarra, soneto, Ulysses Cuiabano  
O galgo e o mastim—Tantalo—poesias—A. Cavalcanti  
Elogio de Veiga Cabral—pelo socio Palmyro Pimenta  
Segunda despedida—poesia, José de Mesquita.  
Um pouco de Machado de Assis—conferencia pelo so-  
cio Cesario Prado  
Paginas contemporaneas—Poesias de José de Mesquita  
—Alcindo de Camargo  
Paginas esquecidas—A noite—José Delfino da Silva  
Paginas dos novos—Palmeiras—Martins Oliveira  
Actas das sessões do Centro  
Publicações recebidas

# Revista do Centro

## Mattogrossense de Letras

ANNO III

JUHO A DEZEMBRO DE 1924

NUMERO VI

### Publicação Semestral

#### SUMMARIO

- Elogio de Manoel Esperidião—pelo socio Octavio Cunha
- Mez de Maria, soneto—D. Aquino Corrêa
- A tropa—De pouso—sonetos, Lamartine Mendes
- A cigarra, soneto, Ulysses Cuiabano
- O galgo e o mastim—Tantalo—poesias—A. Cavalcanti
- Elogio de Veiga Cabral—pelo socio Palmyro Pimenta
- Segunda despedida—poesia, José de Mesquita.
- Um pouco de Machado de Assis—conferencia pelo socio Cesario Prado
- Paginas contemporaneas—Poesias de José de Mesquita
- Alcindo de Camargo
- Paginas esquecidas—A noite—José Delfino da Silva
- Paginas dos novos—Palmeiras—Martins Oliveira
- Actas das sessões do Centro
- Publicações recebidas

# ELOGIO DE MANOEL ESPERIDIÃO

proferido em sessão de 12 de Outubro de 1923  
pelo sócio Octavio Cunha.



Alegrias ha que os labios não exprimem por mais que se o deseje, e assim me acontece, a mim, que muito as sinto ainda, sem saber contal-as, por havel-as sentido com essa satisfação de terra occulta, sob arvores frondosas, que o vento a soprar mais rijo, o vento que perdeu o nome de brisa, desloca os ramos das posições em que cresceram, e, fartalhando as folhas que soluçam, permite que os raios do sol as beijem, numa caricia embora fugidia, mas deixando-lhe uma recordação eterna e grata. Assim me aconteceu, caros confrades, a mim que, afastado desse convivio illuminador, espiritual, que se frue ao lado dos dedicados ás letras, a mim, que immerecidamente fui atirado, ha já muito, quando academico de Direito no glorioso Pernambuco, numa dessas Thebaidas de sonhos, á officina literaria Martins Junior, fui, ha pouco, trazido por vossa magnanimidade ao seio deste Centro de Letras, que o espirito brilhante e bom de José de Mesquita acaricia, anima e dá vida.

Vim, perante vós, confrades, sem o querer, querendo, sem o desejar, desejando, nessa vacillação de um Jesus, temendo o peso do lenho, mas desejando o alto céu de um ultimo contentamento.

Vim e me encontro entre vós, porque, entre vós, a vossa graça me redime e perdoa, o vosso espirito me aclara, a vossa convivencia me purifica. E assim fiquei comvosco, e me mandastes buscar o amparo de um patrono.

E eu tive que obedecer não só a isso como, bem mais ainda, aos dictames do meu sentir, á vibração do meu temperamento, e foste tu, alma heroica e bóa, e foste tu, Manoel Esperidião, o eleito do meu querer, o preferido pela minha vontade.

Alguma cousa eu havia lido de ti, da tua vida. Muitos louvores, de bocca em bocca, eram entoados ao filho de Poccné. E eu vejo a tua infancia, e, lá, o teu berço nesse torreão de pedra, ilhado meio anno, nessa cidade que Antonio João glorifica na consumação do heroismo que ennobrece um povo... e eu te vejo, na infancia, como as garças brancas de tua terra hospitaleira, que voam em todas as direcções, de Norte a Sul, de Leste a Oeste percorrendo os mares doces e as campinas verdes, reluzentes do teu ninho natal, pousando nas cordilheiras. . . e penso que a anciedade de querer e de amar o bem crescia no teu espirito que é o que eu procuro: os estremecimentos de um sentir nobre, de um desejar constante, de uma aspiração elevada, de uma coragem espartana, de um civismo puro, de um perfeito amor á Patria revelados mais tarde nos teus escriptos, proclamados na tua acção! E aos quatorze annos de idade, em 1873, foste para o Rio estudar, recebendo o gráo de Engenheiro de minas pela Escola de Ouro Preto em 1882. Indispensavel, imprescindivel condição de se arrancar do eu, esse bairrismo provinciano, aldeão, é esse jorro de luz que o espirito recebe num grande centro, ao convívio com filhos de todos os Estados que constituem a nossa cara Patria.

Em Esperidião tudo é harmonia: Um pedaço da antiga Villa Bella é uma parte do Brazil que merece tanto carinho como a Capital da Republica porque é uma componente do todo. Cada homem, dos nossos, é um elemento valioso que tem a responsabilidade da defeza da Patria. Quando Esperidião chegou formado a Cuiabá, collaborou na fundação de um Externato, do qual foi

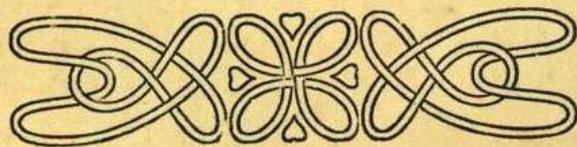
professor, partilhando assim o seu saber com os seus jovens coestadoanos. Indo residir em Cáceres, onde a politica o attrahiu, foi eleito deputado geral no Ministerio João Alfredo e na Camara trabalhou na confecção da Lei de Treze de Maio, da Lei aurea, na abolição da escravatura: a realização do sonho do sublime poeta das Espumas fluctuantes. . . . . a glorificação de Nabuco! E na sua vida politica, onde por varias vezes foi eleito deputado provincial, novos horisontes se descortinavam afim de premiar o seu valor se a sua vida se prolongasse mais... E' que Esperidião, adiantado pela illustração, avançado pelo criterio sadio, grande pelo desprendimento de si mesmo, seria levado, a todas as posições, como o foi a algumas pela utilidade necessaria de suas idéas, de seu valor moral, de sua fibratura heroica, de que todos precisam para o bem commum, e não pela vontade propria guiada por inconfessaveis interesses de mando, de predomínio, enfeitados de orgulho. A alma simples da gaivota poconeana vestia ou o manto branco da pureza ou a tunica alvinitente dos sonhadores. . . . dos poetas: educa, observa, descreve, canta, se apieda, advinha, clama. supplica, pede e se atira á lucta em prol da paz, e se arroja a morte em prol da vida. . . . . Educa os seus conterraneos para que a Patria tenha grandes homens. Observa e descreve um rincão desta Patria para que sobre ruínas não se amontoem ruínas. Observa e descreve as riquezas para que mais tarde a pobreza não nos amesquinhe perante o olhar estrangeiro. Canta e supplica e clama numa prosa sussurrante como um poema de meiguice, ás veses, e outras parece um blasphemo—praguejando contra os responsaveis pela agonia da velha cidade de Matto-Grosso, que contempla em todas as direcções um dos mais ricos valles do mundo. . . . Apieda-se! e é magnifico apiedado! Pela sorte dos escravos, recitando machinalmente, escapando-lhe dos labios, disseram-me, versos do "Navio negreiro" do poeta bahiano:" Colom-

bo fecha as portas dos teus mares!"... Esse adivinho teve a suprema ventura de ver a supressão da mais odienta instituição que já tivemos, e de ver seu nome ligado a gloria do 13 de Maio: a nossa egualdade humana: Que alegria infinita deveria ter inundado o coração deste homem quando raiou o dia em que as senzalas perderam o nome, as mães tiveram a certeza de que os filhos lhes não mais seriam arrancados dos seios e de bem juntinho do coração, o tronco e o azorrague perderam a cruenta utilidade e quanto goso não sentiu o seu pensamento de privilegiado se demorando, concentrado, nesse grande passo de civilização de um povo e de confraternização de raças que numa só raça se confundirão! Não ha pelas suas excursões um ataque aos aborígenes em zonas por elles habitadas, a essa raça a que tanto Anchieta se dedicou e da qual tivemos heroes como Felippe Camarão!

Esperidião, a tua viagem sobre o valle do Baixo Guaporé, desde a cidade de Matto-Grosso ao Forte do Principe da Beira, li-a, e parecia-me que eu ia contigo, ao teu lado, ouvindo-te, nesse fragil batelão, tripulado por intrepididos caboclos, aos quaes a incerteza não intimida, porque o Chefe nunca se intimidava. Li-te na exploração do Alto Guaporé, na qual passaste 18 dias cada qual mais temeroso, alguns havendo em que o céu irado despejava chuvas, ribombavam em coleras os trovões e a treva não deixava os astros brilhar. Não pretendo seguir-te mais, e fico a contemplar-te o espirito.

Sejas Bemdicto! E é pelo amor que dedicaste a velha e moribunda cidade dos Capitães Generaes, que te pagou tanto carinho com a morte, tão feia ingratição, como temendo que não mais voltarias lá, para acaricial-a e revel-a e pugnar pelo seu levantamento, o que já tinhas feito com todo o calor de tu'alma sublime, e é por esse amor teu que eu a não amaldição.

Não mais quizeram a antiga Villa Bella e o seu espelho opaco o Guaporé—que os teus cuidados se dedicassem nem mesmo aos teus, quanto mais a outras regiões, e temendo que não mais voltasses, a velha e outrora opulenta cidade te abriu o seio adoptivo, como se fosse um seio mater, para guardar teu corpo eternamente. Mas, patrono meu! Eu te busquei o espirito: a tu'alma de poeta que comprehendia o riso e o pranto das velhas arvores guaporéanas, agitadas pelo vento e que te fallavam, saudando-te a tua passagem e te conheciam e te amavam; a esse espirito que bemdizia a musica dos charcos e se compadezia do ninho que o vento derrubava; esse espirito que cortava com as azas celeres do pensamento, como as gaivotas da tua terra natal; esse espirito observador, persistente, santificado pelo saber, illuminado pelo bem.... esse espirito não ha tumulo que o encerre, Villa Bella, rainha desthronada, hoje é meu, e paira por sobre mim como um pallio de fé em que me abrigo, a hostia santa da luz que me esclarece. Bemdicto sejas, meu patrono!



# Poesias



## Mez de Maria

O' ceu de Maio ! O' terra indo sahindo,  
Verde e fresca, dos banhos da invernada !  
Os convolvulos abrem pela estrada,  
Como sinos cantando no ar infindo.

Vê como, em pleno azul, nascem, sorrindo,  
As Tres-Marias, e na madrugada,  
Já os sabiás vão preludiando a alada  
Canção dos ninhos num gorgieio lindo.

Que mystico arrulhar de pombas mansas,  
No branco altar, que todo se atavia,  
Nessa eclosão de flores e creanças !

Tudo ri, tudo canta, tudo implora  
O teu sorriso virginal, Maria !  
A tua bençam maternal, Senhora !

*D. Aquino Corrêa.*



## A tropa

*De quando em quando, no sertão deserto,  
Sem fim de minha terra, com cansaço,  
Uma tropa é de ver sob o mormaço  
Marchando, ao sol que fulge a descoberto.*

*Magras, as mulas que não vêm de perto,  
Gemem na estrada, cadenciando o passo.  
E enchendo a calma solidão do espaço,  
Canta o chocalho do "madrinha" esperto.*

*Nuvens de poeira sobem no horizonte.  
Soturnos, a reboar de monte em monte,  
Rolam no céu trovões de tempestade.*

*Estalam relhos no ar: — "Volta Morena!"  
E a tropa segue, sob a cantilena  
Das cigarras, ao longe... Que saudade...*

## DE POUSO

*Ah! quem pudera traduzir o encanto  
Dessas noites sem fim de pouso em pleno  
Sertão!... Desliza, ao lado, o arroio, em pranto,  
Ondeia ao vento o matagal sereno.*

*Dois arrieiros, com vozear ameno,  
Conversam rentes da fogueira, enquanto,  
No alto da serra, o caboré moreno,  
Triste como um agouro, solta o canto.*

*E espalha-se o silêncio. Reclinada  
No alvor da nuvem que se esfuma e some,  
A lua dorme, toda branca e nua.*

*Mas, um ronco se escuta. A cavahada  
Dispara de pavor. Oca de fome,  
Urra a onça preta namorando a lua.*

Lamartine Mendes

## A Cigarra

Ha da cigarra no cantar dolente  
Quando a tarde estre nece na agonia  
Uma toada harmonica e plangente,  
—Suaves notas de melancolia.

E do cicio agudo e intermittente  
Do cantar despedindo-se do dia  
Uma saudade evola-se, pungente,  
Numa eclosão de amôr e poesia.

Mas, de repente o cantico emmudece.  
E o trovador bohemio e descuidoso  
Morre, com um rumor de fim de prece.

E no entanto eu quizêra, oh se isto occorre!  
Como o estival insecto mysterioso  
—Morrer cantando quando a tarde morre...

*Ulysses Cuiabano*

## O GALGO E O MASTIM

Bebia o galgo á ribeira,  
Quando um mastim da cidade  
Disse a sua companheira :  
«Que deidade! »

Elle, ouvindo o galanteio,  
Sae do matto, e com lhaneza :  
«Que deseja vossa alteza?»  
Por tal meio,

Se vira o galan corrido,  
Não tanto pela surpresa,  
Como pela gentileza  
Do marido.

*A prudencia evita o mal  
E as mais graves consequencias :  
Vias de facto, pendencias  
E muita cousa fatal.*

*E o offensor ( lição rica ! )  
Sente em sua alma viuva  
Que o outro o feriu com luva  
De pellica.*

*Augusto Cavalcanti.*



## TANTALO

Como tormento, aprouve ao meu destino,  
Além da fome e a sede, uma surpresa :  
A lympha que me busca me é defesa,  
Como o pomar de aspecto purpurino.

Hoje, em cotejo rapido imagino  
Que, a admirar de Venus a belleza,  
Já me sentei de Jupiter á mesa,  
De onde roubei o nectar peregrino.

Ao baixar ante mim agora o pomo,  
Sem que o possa tocar, o horror não domo ;  
E vejo, o coração cheio de fel,

Que a chegar e a fugir, todo entre enganos,  
Aquelle fructo é como o Ideal, humanos,  
Que bebemos dos deuses no hydromel.

*Augusto Cavalcanti.*



# Elogio de Veiga Cabral

*feito pelo socio Palmyro Pimenta em 29 de Maio de 1924*



Cabe-me hoje a vez de vir esboçar, nos largos traços de uma conferencia, o perfil intellectual do meu patrono na cadeira n° 22 deste Centro—o Dr. Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.

Antes de mim, já se desobrigaram do dever que nos impõe o nosso canon social oito illustres confrades, representando, dest'arte, o terço do caminho andado, e esta circumstancia que deveria, á primeira vista, servir-me de poderoso estimulo e forte incentivo, torna, ao contrario, maior a minha vacillação e mais intenso o meu receio ao defrontar-me comvosco neste momento. E' que temo não me encontrar possuidor já não direi da maestria com que se houveram os distinctos confrades que nesta tribuna me precederam, mas, ao menos, capaz de conseguir dar-vos uma impressão que não redunde em manifesta deficiencia do meu trabalho em confronto com aquelles cuja leitura tendes, de dois annos a esta parte, ouvido neste local.

Sem as luzes e o brilho das phrases com que um Joaquim Gaudie, um Virgilio Corrêa Filho, um Philogonio Corrêa, um Cesario Prado, um Antonio Fernan-

des, um Ovidio Corrêa, um Alcindo de Camargo ou um Octavio Cunha traçaram aqui o magistral elogio dos seus patronos, receio bem — e perdoem-me os manes de Veiga Cabral si a isso sou constrangido — não poder elevar o meu patrono á altura em que, no vosso conceito, se erguem, atravez das conferencias anteriores, os nomes laureado: de um Joaquim Murtinho, de um Antonio Corrêa da Costa, de um José Estevão Corrêa, de um Vieira de Almeida, de um Alincourt, de um Padre Ernesto, de um conego Guimarães ou de um Manoel Esperidião da Costa Marques.

Mas, si assim deve ser, direi, meus illustres confrades, parodiando o grande e saudoso poeta Vicente de Carvalho :

“Não me culpeis a mim si a tanto avanço  
mas a vós mesmos que m’o compellistes...”

—:—:—

A’ luz de alguns documentos colhidos aqui e ali não sem grande diligencia, procurarei, obedecendo o criterio a que deve presidir trabalhos desta natureza, dar-vos primeiro, alguns traços biographicos de Veiga Cabral para, então, estudar, embora perfunctoriamente, a sua personalidade atravez o meio em que se formou o seu espirito.

Do seu nascimento, filiação, seus primeiros estudos e sua carreira emfim, sabe-se que nasceu nesta cidade, no dia 26 de Abril de 1800, sendo seus paes Joaquim Giral-des Tavares da Veiga Cabral e D. Anna Theresa de Jesus, tendo partido muito creança para a cidade de S. Salvador onde iniciou os seus estudos de humanidades e dali para Lisbôa, onde os concluiu em 1817.

Quando o Brasil se emancipou definitivamente da soberania portugueza, erigindo-se em nação indepen-

dente, na famosa Universidade de Coimbra, Veiga Cabral, aos 22 annos, concluia brilhantemente o seu curso juridico, regressando ao Brasil.

No anno immediato, vestindo a toga de magistrado, occupou o cargo de Juiz de Fóra da villa, depois cidade do Rio Grande do Sul e, successivamente, os de Ouvidor da comarca do Ceará, Auditor Geral do Exercito do Sul, estacionado em Montevidéo, a esse tempo Provincia Cisplatina do Imperio, Desembargador da Relação do Maranhão, e, finalmente, em Abril de 1829 o Governo o nomeou por Carta Imperial lente de Direito patrio civil, 1.<sup>a</sup> cadeira do 3.<sup>o</sup> anno, da Faculdade de S. Paulo, cargo que elle exerceu durante quasi 34 annos, isto é, até 1862, data em que falleceu em S. Paulo. Apesar de não ser politico militante, pertencia ao Partido Conservador, tendo sido no biennio 1854—1855 deputado provincial.

—:—:—

“Para possuirmos uma noção justa de uma época qualquer, com todas as suas duvidas e suae incertezas, com todos os seus sonhos e utopias, devemos buscar a luz esclarecedora e o criterio seguro nos vultos dos grandes homens que foram os seus iniciadores; devemos procurar surprehender em seus cerebros o reverbero nitido e scintillante de todas as especies de causas que encrôparam a superficie mansa e desenrugada daquelle determinadô momento historico.

Do mesmo modo, si tivermos necessidade de uma apreciação exacta sobre uma individualidade forte e suggestiva, nada mais facil do que procurarmos vê-la em acção, conhecermos o scenario em que se ensaiaram as suas energias mais viris e se exercitaram livremente as suas mais nobres preocupações.

O estudo do ambiente social, com todos os seus complexos e multifários elementos constituintes, ministrados, em que pése a Hennequin, senão um criterio infalível, pelo menos uma base mais ou menos estavel para a reconstituição do perfil de um homem que tenha recebido o seu influxo poderoso e tonificante.

Para focalizar o ambiente social em cujo scenario desenvolveu Veiga Cabral a sua actividade, não precisa rei rebuscar nem vastas colleções, nem massudos *in-folios*. Servir-me-ei para isso das brilhantes phrases com que emerito jurista patrio espelhou em magnificas e coloridas pinceladas o quadro de então:

"O direito era, no Brasil, quando se operou a independencia, uma sciencia estudada por um grupo insignificante de homens e não era estudada, mesmo nesse grupo, com profundeza e pertinacia. Nem podia sel-o. Não ha sciencia que se desenvolva sem ambiente apropriado, e o de uma colonia onde mal se sabia lêr não é, com certeza, o mais adequado para o crescimento e uma disciplina, como a do direito, que suppõe um estado de civilização bem definido nos seus contornos e bem assentado nos seus alicerces. O individuo feliz que reunia o conhecimento do latim e do francez era olhado como um genio tão transcendente, que de grandes distancias vinham pessoas consultal-o...

O maximo da illustração que se podia lograr, e outra não possuiam os homens da época, era a que se colhia na leitura dos livros gregos e latinos, no "Contracto Social" de Rousseau, em alguns volumes de Voltaire e no de poucos outros que constituíam até ás vespervas da Independencia a bibliotheca dos espiritos cultos.

Apenas, de longe em longe, ao alto, projectando luz na treva circumdante e fixando os olhares, tanto mais soberbo quanto mais isolado, um ou outro espirito de cultura variada e solida.

As conquistas liberaes e as victorias das boas regras de direito, crystallizadas nas legislações dos primeiros tempos, foram mais a obra do senso juridico nativo nos homens da época do que o fructo sazonado de uma vasta e sabia cultura espirital”.

Surgindo, portanto, nessa época em que o Brasil era uma terra quasi sem cultura juridica, sem escolas que a ensinassem, sem aggremações que a estudassem, e em que o conhecimento dos seus principios estava concentrado no punhado de homens abastados que puderam ir a Portugal apanhal-a no curso acanhado que se professava na Universidade de Coimbra, mesmo assim, a messe de conhecimentos colhida por Veiga Cabral foi opima e valiosa.

—: —:—

No periodo em que elle desenvolveu a sua actividade podemos consideral-o juriconsulto de valor, dentre os que mais o foram, pois deixou traços brilhantes do seu talento publicando: em 1853, "Analyse dos direitos naturaes do homem inculto e selvagem, deduzidos do mesmo direito que rege toda a natureza creada, de que elle é parte"; em 1855, uma "Memoria historica academica sobre os acontecimentos mais notaveis da Faculdade e desenvolvimento das sciencias sociaes e juridicas" na qual tracejou com maestria a vida dessa legendaria Escola desde a sua criação, memoria essa que logrou ser approvada pela Congregação em sessão de 1.º de Março do referido anno. Em 1859, editada pela Livraria Laemmert, do Rio de Janeiro, veiu a lume a sua mais importante obra intitulada "Direito Administrativo Brasileiro" que, embora possuía predicados inestimaveis, tornou-se, devido ás successivas reformas por que passou esse ramo de Direito, um tanto antiquada. Entretanto, nota se compulsando-a que o seu estylo é

claro e simples, mas lhe falta a critica das instituições e largo vôo philosophico, sem o qual os estudos sobre aquelle assum to se reduzem a meras syntheses de legislação, como muito bem disse Spencer Vampré na sua obra "Memorias para a historia da Academia de S. Paulo."

O Direito Administrativo de Veiga Cabral concretiza um volume de 641 paginas e está dividido em quatro extensas partes, achando-se a primeira subdividida em dez Titulos e sete Capítulos; a segunda, em seis Titulos e dois Capítulos; a terceira, em onze Titulos e a quarta, em tres Titulos.

Em appendice, insere ainda Leis, Decretos Regulamentos e Avisos attinentes a essa materia.

Nesse trabalho, o autor consigna primeiro as noções essenciaes da Sciencia Administrativa; as relações da Administração com os poderes politicos do Estado; a divisão territorial do Imperio e sua população; os grãos de hierarchia administrativa e objectos de sua competencia para, depois, tratar do Direito Administrativo nas suas relações com a conservação e defesa social; do Direito Administrativo nas suas relações com o fim da sociedade, qual é garantir o exercicio dos direitos e o cumprimento das obrigações, auxiliar o progresso intellectual e moral e o desenvolvimento da riqueza publica. Realizou elle nessa obra uma empresa tão ardua e difficil, qual foi a de systematizar a doutrina especial do nosso direito administrativo esparça em innumeradas nossas leis.

—:—:—

Logo depois da instituição dos Cursos Juridicos no Brasil por lei de 11 de Agosto de 1827 e consequente criação de duas Academias, uma em S. Paulo e outra em Olinda, o Governo Imperial, tendo em consideração a notavel erudição e os rapidos progressos feitos por Veiga Cabral na sua vida publica, prenunciadores de bri-

lhante carreira, nomeou-o por Carta de 6 de Abril de 1829 lente de Direito Civil patrio, primeira cadeira do 3º anno da Faculdade de S. Paulo. Dois annos depois, serviu elle de secretario interino no periodo de 24 de Março de 1831 a 30 de Junho de 1834, data em que o Governo o nomeou Director interino, tendo elle exercido essas funcções até 5 de Dezembro de 1835. Por Decreto n. 34, de 16 de Setembro de 1834, foi-lhe conferido pela Congregação o gráo de Doutor.

Em 17 de Maio de 1842 rebenta a revolução de Sorocaba, occasionada segundo uns pela lei de 3 de Dezembro de 1841 combatida pelos liberaes como prejudicial ás liberdades, parecendo fóra de duvida que a sua verdadeira causa foi a queda do partido liberal e a consequente organisação do gabinete conservador de 12 de Março, em substituição ao ministerio dos Andradas, Cavalcantis e Limpo de Abreu. Teve ella inicio pela recusa da Camara municipal de Sorocaba em empossar as novas autoridades nomeadas em execução a referida lei, sendo acclamado presidente interino da Provincia Raphael Tobias que toma posse perante aquella Camara, lança uma proclamação concitando ás armas os paulistas. Entrementes, sob o mando do major Francisco Galvão de Barros Franca se reuniram cerca de 1.500 homens, sob o nome de columna libertadora e marchavam contra a capital, acampando junto á ponte dos Pinheiros, tendo então adherido ao movimento as cidades de Itú, Campinas, Areias, Silveiras e mais algumas outras localidades. Com intuito de pacificar a Provincia de S. Paulo, o Governo Imperial confiou essa ardua tarefa ao Barão de Caxias, que nomeado Vice-Presidente, partiu á frente de 400 reservistas bisonhos e mal armados, desembarcando em Santos, dali para S. Paulo e Pinheiros, onde em viva escaramuça bateu em retirada a Columna Libertadora até Sorocaba.

\* V. Spencer Vampié, obr. ccl.

Pois bem, precisamente nesse anno, de geral effervescencia e exaltação politica que agitava todos os espiritos e notavelmente inflammava a mocidade, foi Veiga Cabral, pela segunda vez, investido interinamente no cargo de Director da Academia e, nessa emergencia, graças á sua rara habilidade, prudencia, energia e poderoso prestigio de que gosava no seio dos academicos, consegue a sua não participação nessa lucta em que um partido politico se lançou imprudente no campo armado.

—:—:—

Como professor, propriamente, referem os seus criticos, apesar de erudito e ser-lhe facil a palavra para desenvolver magistralmente os diversos pontos da cadeira que professava, comtudo, devido talvez ao seu temperamento irregular, mixto de desequilibrio e talento, foi dos menos deligentes e assiduos, preguiçoso até. Diversos factos referidos por Spencer Vampré na sua obra já citada comprovam essa asserção. Nas suas prelecções não usava citar integralmente as datas das leis e decretos. Por exemplo, tendo de referir-se á Lei da Boa Razão de 18 de Agosto de 1769, proferia a data até mil e setecentos e, com o dedo, traçava no ar, por mimica, um seis e um nove.

Conta-se que chegava muitas vezes até ao Largo de S. Francisco (local onde se achava situada a Escola) e, ao avistar os estudantes, fazia uma volta e tornava para a casa, pretextando ter assim illudido a sua expectativa. Acoimado de ensinar com descaso a sua cadeira, dizia sempre: — "Mas, porque incommodar-me com longas e desenvolvidas explicações? Si eu me fatigasse em explicar todo o assumpto os senhores não teriam que estudar; bastaria ouvir, e sahiriam da aula com a lição sabida. Isto não quero eu. Estudem, esforcem-se, queimem as pestanas, como eu fiz, para saber quanto sei.

Uma das características do seu temperamento era a especial ojerisa que tinha pelos nomes extensos, talvez com receio de concorrência ao seu próprio. Em 1858, leccionava o 3º anno de direito civil e frequentava as aulas o estudante Benedicto Fosculo Jovino de Almeida Aymerê Militão de Souza Barué Itaparica e Boré Fu Mi Ni Tucundava, por signal incorrigível bohemio, que depois de formado foi Promotor em Ubatuba, São Luiz e outras comarcas da então Província. Era natural, diremos, mesmo justo, que com o seu nome implicasse Cabral. E, com effeito, toda a vez que o bedel fazia a chamada, ao chegar ao nome de Aymerê, resmungava entre dentes: "Não acaba mais... Ora vejam si isto é nome!" E aquella figura! Qual! não pode ser bom estudante, não é possível!" E assoprando na mão esquerda, formada em canudo, num gesto que lhe era habitual, acrescentava:— No fim do anno havemos de ver! Lá os espero, os Atuás, Aymerês, Alkimins e Padilhas! Hão de ver, hão de ver. Desaforo!

Imbuido dos idéas da escravatura tão dominantes nessa época, tinha franca aversão aos estudantes de côr e áquelles que se não trajassem correctamente. Certo anno frequentou as aulas um Fogaça, mulato feio e maltrapilho. Logo que o divisava entre os estudantes, perguntava ao bedel: Sr. Mendonça, já marcou ponto no negro? — Mas, Sr. Conselheiro, protestava respeitavelmente o Fogaça, eu estou presente! — Quer o negro esteja ausente, quer o negro esteja presente, marque ponto no negro!...

Em contraste com essa attitude, nada o satisfazia tanto como ver na aula um estudante bem vestido, de casaca ou sobrecasaca, pois então ninguem ia á Academia de paletó. Assim é que Caetano de Andrade Pinto, quando academico, salientava-se pela elegancia no trajar. Certo dia se apresenta elle na aula de Cabral com sapatinhos de entrada baixa e meias de seda. E lo-

go o velho lente: -- Que! Sr. Andrade Pinto! Pois o Sr. um moço tão distincto que traja com tanto gosto e faceirice, apresentar-se aqui sem meias?!

--Perdão, Sr. Censelheiro, retrucou o estudante-- observe V. Excia. e belliscou a meia finissima que trazia.

--Bravo! exclamou, com sincero enthusiasmo, o Conselheiro Cabral -- meias côr de carne! E' o requinte da distincção! Venha cá este abraço!

Todos quantos se occuparam em estudar a personalidade de Veiga Cabral são concordes em affirmar ser o seu temperamento versatil e extranho, pois em determinadas occasiões parecia timido deante de academicos audaciosos e em outras se mostrava implacavel e destemido.

Certo dia, foi procurado em casa por um pessimo alumno. Travou-se o seguinte dialogo:

--Sr. Coñselheiro, V. Excia. conhece que eu sou doido. Sou doido mesmo, e toda a gente sabe disto. Pois eu venho communicar a V. Excia. que tomei uma resolução. Si V. Excia. me reprovar, eu mato-o! mato-o!

-- Que?

--Mato-o e suicido-me em seguida. Olhe aqui o revolver!...

--Deixe-se disso. Pois eu havia de reprovar um kom estudante como o senhor? Vá socegado e conte com o seu plenamente.

Submettido a exame, o resultado foi máo, tanto assim que os outros examinadores queriam reprovar o estudante, mas a isso se oppoz tenazmente Cabral, ameaçando atirar-se da janella abaixo (estavam no pavimento superior) si elle fosse reprovado.

Das anedoctas que correm a seu respeito. a mais conhecida é a do seu casamento com D. Benedicta, filha legitima do então Director da Escola, Tenente General José Arouche de Toledo Rendon. Tal enlace não aprazia á noiva sobretudo por ter o futuro esposo fama

de estroina sinão de maluco ; mas era lente, com posição social de relevo, e pareceu ao director bom partido. Mal sabia então o velho Rendon os desgostos que se seguiriam: Celebram-se as bodas, com as solemnidades do estylo: banquete baile, convidados etc. Ao retirarem-se os ultimos convivas, a noiva se recolheu á camara nupcial. O noivo, porém, passeiou horas inteiras, sem animar-se a entrar proferindo, em soliloquio, estas palavras de arrependimento:

Que fizeste, Cabral? Que fizeste, Cabral?...

Em seguida, deixou a casa para nunca mais voltar. A noiva propoz, então, contra elle, acção de nullidade de casamento, que foi julgada pelos tribunaes na parte civil. Submetteu-se a parte religiosa ao Papa, em Roma que concordou com a nullidade proposta, e tirou assim, á familia, os ultimos escrupulos, a respeito da validade da decisão judiciaria. Nem um delles se tornou a casar.

—:—:—

Eis, illustrada assistencia, em pallido bosquejo, tudo quanto me foi possivel colher acerca da vida e obras do nosso conterraneo — meu patrono no Centro Mattogrossense de Letras.

Si, no transcurso dos seus 62 annos de vida, mais de metade delles perlustrando a cathedra professoral, commetteu actos que, a meu ver, absolutamente não empanaram o brilho de sua carreira, devemos attribuil-os não só ás circumstancias oriundas das constantes rivalidades e attrictos do meio em que viveu. como tambem a ser commum entre homens de sua estatura intellectual a pratica de certas excentricidades, o que fez o brilhante escriptor Medeiros e Albuquerque dizer que

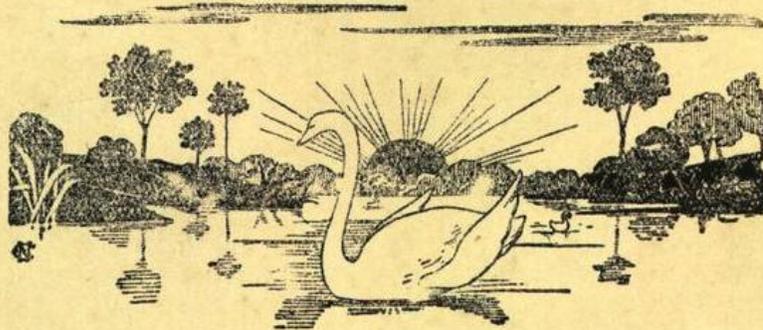
”O genio, o crime, e a loucura

”São faces de um só crystal.

Vou terminar senhores:

"Quando o magestoso romano, que recebeu do senado o captivante appellido de *Pae da Patria*, teve de tomar o caminho do exilio, quiz, temendo a devastação da sua casa, preservar ao menos as cousas sagradas, e destacando de seus penates uma pequena estatua de Minerva recolheu-a piedosamente ao Capitolio para tornal-a inviolavel aos espoliadores".

Recolhei senhores, á doce athmosphera dos vossos affectos a obra suggestiva do vosso patricio e retemperae-a ao calor dos vossos enthusiasmos, no intuito de a preservar da profanação atroz da indiferença e do esquecimento.



**SEGUNDA DESPEDIDA**

## Segunda despedida

A AGENOR E YVETTE,

*meus filhos*

I

Cinco annos ha que, alem, longe dos patrios lares,  
num dia de tristeza,  
te fôste, nos deixando, ó filha! ao nos deixares,  
desta saudade preza.

Foi pelo mez de abril, numa tarde de rosa,  
que em teu coche partiste.  
Vejo-te qual te vira, entre flôres, formosa  
flôr, dolorida e triste.

Surdo ouço inda o rumor do carro sobre o asphalto  
a rodar, conduzindo  
aquella que o meu sonho elevára tão alto,  
num devaneio lindo.

Sonhos ! doce illusão que tão cedo desertas !  
Miragem passageira !  
Phalena azul ao sol as azas de ouro abertas,  
logo desfeita em poeira !

O homem vive a construir, na estulta variedade,  
chimericos castellos,  
mas vem, dira e cruel, a fria realidade  
matar-lhe os sonhos bellos...

Pensar que hoje em meu collo, alegre, bem pudera  
te ver, forte e crescida,  
flôr que o amor fêz nascer na linda primavera,  
na antemanhan da vida.

Camelia alva e gentil de petalas franzinas  
que o sul ceifou tão cedo,  
mal se abria do sól ás galas matutinas,  
furtiva, quasi á medo !...

Suppôr que ora pudera eu ter te aqui, graciosa,  
assentada ao meu lado,  
em buces a cahir sobre a face de rosa  
o cabelo annellado,

enchendo de poesia a vida e illuminando,  
radiosa estrella pura,  
do celeste fulgor do teu carinho brando  
a estrada aspera e dura!

## II

Vólves hoje de novo esfeita em pó, num pouco  
de pó, de uma urna ao fundo...  
O' triste sonho humano, ó devaneio louco,  
que vales neste mundo ?

Onde o brilho gentil dos olhos, o sorriso  
loução, as faces bellas,  
graças em que entreluz o proprio paraizo,  
—dizei, que é feito dellas ?

A nossa terra soube ao seio bom e amigo  
conservar com carinho  
os despojos de quem nella buscára abrigo,  
do teu pobre irmãosinho...

Vimol-o... Inda que o tempo imigo lhe roubasse  
a fórma e a côr e, embora  
em vez do rosto meigo e da mimosa face  
da rósea côr da aurora,

nos restituísse, fria e branca, uma caveira,  
nos deu, ao menos, nella  
a illusão do passado, a evocar-nos, inteira,  
sua historia singela...

Emquanto a ti não mais que pó ora te vejo  
e nem sequer lobrigo  
a fronte onde deixei, no derradeiro beijo,  
meu coração contigo.

Esta pouca de cinza, este pó, este nada  
é tudo quanto resta  
da avesita gentil que ao sol a aza dourada  
abria no ar em festa?

Não... Certo a tua essencia em perfume evolou-se  
ás limpidas alturas,  
onde, espirito leve, adeja ao vôo doce  
das niveas azas puras.

O vaso, orpham do aroma, a caçoula partida  
e do incenso vasia,  
desfez-se e eis que ora jaz nesta urna recolhida,  
inerte, muda, fria.

Yvette, donde estás— pois existes, decerto—  
escuta a minha prece.  
Tua alma não nos deixa. Anda de nós bem perto...  
Sinto-a, ás vezes que desce

e me falla que, alem, feliz, vives e esperas  
a hora venturosa  
em que nos possas vêr nas célicas esphas  
onde tua alma góza...

## III

Ora é tempo que tu, do irmão querido ao lado,  
tal como em vida outrora,  
repouses para sempre e nem mais ver-te é dado  
a quem tanto te chóra.

Doce, a terra natal, a que nos prendem laços  
de amor nunca excedido,  
abre-se, como mãe a receber nos braços  
o filho estremecido,

e acólhe, carinhosa, os teus despojos, filha,  
vindos de terra estranha  
mas onde o mesmo luar em ceus de opala brilha  
e o mesmo sól nos banha !

Filhos, de vos perder como que se renóva  
a dôr, qual a sofrêmos  
quando a primeira vez se vos abrio a cova,  
quando a ambos vos perdêmos,

e esvai-se-nos de todo a illusão da ventura  
nesta hora dolorida  
em que vos vêmos ir de novo, nesta dura  
segunda despedida !

(18—4—1924)

*José de Mesquita*

# Um pouço de Machado de Assis

*Conferencia lida pelo socio Cesario C. da S. Prado, em sessão  
de 29 de Setembro de 1924*

Conheceis de certo, senhores, a recommendação de um fino poeta francez, para se observar em occasiões como esta: pas d'eloquence, pas d'eloquence, étranglez-la, e, todavia, creio excusada semelhante advertencia ao vosso orador de hoje.

E' que, por maior o meu empenho em sentido contrario ao della, resultar-me-ia innocuo á mingua do seu proprio objecto naquelle que se vos dirige sem as injuncções temerarias da vaidade e só adscripto á indicação dos seus consocios para orgão desta sessão de homenagem a Machado de Assis.

Fallar-vos do justo e do adequado deste preito do "Centro Matto-Grossense", tambem julgo superfluo, quando da evidencia dessa justeza melhor nos diz o nosso accordo no amor pelas bellas cousas do espirito, que nol-o inspirou como concurso á consagração, já quasi unanime no paiz, de um nome aureolado de excelsa gloria.

Nos assumptos do culto antigo, ha nos quadros da pintura classica, uma expressão de extase na physionomia dos que trazem offerendas aos deuses tutelares. Não na destróe nem apaga a humildade das offertas, parece antes banhal-a de luz perennal com as irradiações da sua fé, tudo vendo os olhos devocionaes como condigno dos altares sagrados.

Irradie-nos igual luz o culto que ora nos reune e não por mim, mas por outras vozes que aqui ouvireis, a do proprio nume pela bocca das nossas creanças, cremos grata a nossa homenagem áquelle que, a originalidade e perfeição da obra assegurou a immortalidade e a critica autorisada enxergou como a mais alta expressão da nossa cultura literaria.

Depois dos estudos valiosos de Lafayete Rodrigues, de Oliveira Lima, de Alcides Maya, de Alfredo Pujol e Graça Aranha, sobre individualidade de porte tão complexo e profundo, podereis ouvir

de mim apenas um fugitivo echo de admiração pelo poeta e romancista, pelo critico e pelo humorista.

Surgiu o poeta quando menos podia ser comprehendido no paiz.

Não vinha naquelle grupo chamado dos fallecidos prematuros que, com Alvares de Azevedo á frente, saturados de Byron e Musset, derramaram na época tristezas mais ficticias que reaes, porem com vibração e resonancia em um povo de melancholia com profundas raizes ancestraes na alma transplantada e vencida no mysterio e exuberancia de uma natureza que a empolga, mas a traz enleada e perplexa.

Machado de Assis não podia cantar como Junqueira Freire a melancholia do claustro e os arrebatamentos mysticos; mas certo, para descobrir as crystalizações da propria dôr, mais do que a méra "vocaçáo torcida", raiava-lhe a vida no desencanto de uma filiação humilde, de um lar obscuro e no bafio de uma igreja que se lhe abriu como a um pobre sachristão.

Mais do que a simples passagem do affago de um lar abastado para os labores do escriptorio paterno, devia sangrar no menino a magua daquelle momento quando, furtando os dedos á composiçáo typographica para manuseiar o seu Garret nos desvãos da officina, foi arrancado ao enlevo do poeta favorito e levado á sala do director da Imprensa Nacional, accusado de desleixo no trabalho.

Esse momento foi o arraiar do seu dia. O encontro com o autor das Memorias de um Sargento de Milicias, que era aquelle director, abriu-lhe caminho para a loja de Paula de Brito, ponto dado do intellectualismo de então. O cerbero official era apenas o instrumento de um destino genial. Da convivencia com esse outro mestiço como elle, Machado de Assis passou para o jornalismo, esse jornalismo obscuro que é machina de sucção de bons talentos e energias e machina de improvisações politicas para os que sabem onde as occasiões têm os cabellos. Emquanto não faltaram gralhas para as pennas do seu trabalho, elle no jornal só arrancava o pão do sol á noite, com exhaustões de tempo, saude e intelligencia. Conta-nos a este respeito Alfredo Pujol, um passo que não sei si deva ser repetido, tão commum o sabeis.

Vencendo o seu gosto literario, elle escrevia artigos politicos no Diario do Rio de Janeiro, que deviam ser excellentes pois que Sebastião Gomes da Silva Belfort, visitava ministros e deputados, inculcando-se autor de taes artigos, sempre que appareciam, "Apesar das glorias literarias que lhe assegurava a penna de Machado de Assis, Sebastião Gomes da Silva Belfort retribuia miseravelmente o esforço do jornalista, que muitas vezes teve por unico alimento

do dia o almocinho classico do café com leite e pão torrado no Carceller ou no Café Braguinha”.

O porto de abrigo veio-lhe só depois de certo renome, e que abrigo, o da rotina burocratica, tão inferior ao seu merecimento, no qual entretanto se affez a sua modestia, enchansando-lhe lazeres para refinar a cultura.

Elle conquistou um logar ao sol honradamente, sem acotovelar ninguem, disse um amigo. Mas até lá que de lutas surdas, quanta amargura e decepção !

E, todavia, o poeta é um forte. Não deplora, não queixa, não maldiz. Debuxa-lhe a palheta todas as claridades auroraes para objectivar a visão amada e o plectro tira-lhe do mavioso heptacordio a suavidade de uns cantos de emoção comedida. Brota-lhe o lyrismo sem voos condoreiros e não será o cantor tropical, o cantor do incendio das nossas mattas na purpura dos nossos crepusculos. Em compensação sua poesia não se abastarda com desvario de imagens, barcos de granito, sol como condor alado aninhando-se numa flôr, e por isso não repercutirá na popularidade. Sem embargo, o romantismo que na ausencia de castellos feudaes na America virgem, teve de se debruçar sobre as origens raciaes e crear o indianismo, afinou-lhe a tuba em carmes á Potyra, á Niani, india guaycurú, á Jacy, doce lua nova, á flôr de embiroçú, e para carpir a morte do seu cantor epico naquelles estrophes immortaes a Gonçalves Dias que tanto hão de viver como Y-Juca Pirama.

Mas naquelle mesmo seu primeiro livro, quanta inspiração, quanta harmonia, que sopro magico nos versos a Corinna:

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo  
Numa hora de amor, de ternura e desejo,  
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,  
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor ;  
Depois, depois vestindo a fôrma peregrina,  
A meus olhos mortaes, surgiste-me, Corinna !

Elle convida o objecto da sua fervente paixão a ouvir os louvores de todas as vozes da natureza, a luz, as aguas, as selvas e o poeta. Deplora o martyrio e o delirio do seu amor, com um manto de dignidade. confessando outros cultos elevados da sua alma :

Pelicano de amor, dilacerei meu peito,  
E com meu proprio sangue os filhos meus aleito ;  
Meus filhos: o desejo, a chimera, a esperanza ;  
Por elles reparti minh'alma. Na provança  
Ella não fraqueou, antes surgiu mais forte ;  
E' que eu puz neste amor, neste ultimo transporte

Tudo o que vivifica a minha juventude:  
 O culto da verdade e o culto da virtude,  
 A venia do passado e a ambição do futuro,  
 O que ha de grande e bello, o que ha de nobre e puro.

Então, perante a inutilidade dos seus esforços, seu espirito sequioso idealisa a suprema ventura, a posse querida, em um quadro de realidade pathetica:

Então, se no silencio  
 Da noite adormecida,  
 Sentires-mal dormida  
 Em sonho ou em visão,  
 Um beijo em tuas palpebras,  
 Um nome aos teus ouvidos,  
 E aos sons de uns ais-partidos  
 Pulsar teu coração ;

Da magoa que consome  
 O meu amor venceu ;  
 Não tremas:— é teu nome,  
 Não fujas que sou eu —

A riqueza de imagens, a variedade de rythmos, as effusões passionaes, o pentelico dos versos com que tambem houve a gloria de introduzir na lya portugueza o metro alexandrino, a harmonia, a vibração, a graça e a força da concepção, tudo elege este poema entre os superiores no nosso idioma.

Já o zelo da perfeição dos primeiros cantos entremostrava o parnasiano. "As Chrysalidas" espanejavam o pò de ouro e luz para o remigio das "Phalenas" e para as "Occidentaes" de esthesia requintada. Si o parnasianismo não foi entre nos sò a escola dos *impassiveis*, apresentando com alguns dos seus expoentes a variante de certos toques de sentimentalismo, Machado de Assis, com menos corda de sentimentalidade e mais trabalhado apuro na plastica do verso, sem duvida foi o precursor dos parnasianos no paiz, notando-se-lhe a variante com o pendor para os themas de philosophia em alto gráo de subjectivismo.

Profundando as angustias do pensamentos humano, suas pungentes interrogações ao mysterio envolvente, o enigma e o abysmo da sua finalidade, a poesia de Machado de Assis alcança os acumes da arte na universalidade do assumpto, com padrões de perpetua belleza, como "Uma creatura" "Desfecho", "A mosca azul", "Cir-

culo vicioso" e tantos outros com que penetra os porticos da arte una e geral, por novas expressões do espirito humano. Então já é um helleno no sentido da medida e do equilibrio, da finura e da elegancia, do gosto e da graça da arte, a graça sem esforço, espontanea, e que na simpleza e ausencia do decorativo attinge a sublimidade do effeito. Já nas primeiras poesias ha um exemplar de elegancia de inspiração e falta de emphasis e declamação, falta que tanto o singularisa em face da nossa indole para o guizalhar de palavras e transbordamento da falsa eloquencia. E' a "Menina e Moça":

Está naquella idade inquieta e duvidosa,  
Que não é dia claro e é já o alvorecer;  
Entre-aberto botão, entre fechada rosa,  
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Mas nem foi só.

Esse artista considerado um caso isolado, um accidente nacional, tambem ouviu sua Scherezade interior e foi um admiravel *conteur*.

Foi mesmo o creador do conto no Brasil, defluindo-lhe a arte de pequenas narrações inimitavel e sem igual na variedade dos processos, na seducção da phantasia e na verve dos estudos de psychologia. Despontam-lhe o humorismo nos primeiros contos, mas é ainda o humorismo ao nosso gosto, mais de facecia e do qual só possuímos um sentido caricatural. Essa veia, para ser mais apreciada no romance, affirma-se nos contos ulteriores na subtileza da analyse psychologica, na satyra fina de systemas de politica, de theorias sociologicas e theorias de philosophia e religião, onde o seu scepticismo vê um grão de fraqueza e sandice e não raro lobriga sentada á porta desses systemas a figura da loucura. Tal apparece em identidade, o Segredo do Bonzo, A Academia de São, Serenissima Republica, e outros contos de uma arte visinha a de Anatole.

João Ribeiro aponta-nos a mestria de Machado de Assis na graça e habilidade de iniciar o conto, fazendo-nos a rapida apresentação das figuras e entrando de prompto na narrativa:

"Agora vos contarei a historia de um relógio de ouro". Ou então:

"—Ah! o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Motta, fazendo um largo gesto admirativo.

Outras qualidades ainda nos chamam a observação nessa magia da sua arte. A originalidade da concepção e disposição do trecho; aquelle arranjo observado por Medeiros, de phrases que

parece vão e voltam sobre o que já foi dito e que notamos como um processo usado pelo autor para simular certos esquecimentos e serve apenas para destacar certas peculiaridades das figuras, pôr em relevo passagens que são a alma do conto, tudo empresta a sua arte o encanto da novidade, a par de vasta materia para o estudo da composição literaria. A abundancia de imagens pittorescas entremeia-se com o processo de attribuir a outros certas afirmações, como si o autor fosse estranho á sua invenção, realçando o cunho da veracidade da narrativa com a ironia de um chiste todo especial. Conta-nos a maneira por que os Ausos certificavam-se da paternidade duvidosa e sublinha: Vá por conta de Herodoto! O facto estava num papyro, ha tres mil annos, elle sublinha: Vá por conta do papyro!

Este contador parcimonioso de tintas na pintura da natureza, até ao sol animava com a nossa forma perecível, na figura pitoresca e festiva de um sonho matinal:

"Quando abri os olhos era perto das nove horas da manhã. Tinha sonhado que o sol trajava calção e meia da seda, fazia-me grandes barretadas, bradando-me que já era tempo, que me levantasse, que fosse ter com Henriqueta e lhe dissesse tudo o que trazia no coração."

E' um encanto rever-se atravez do scenario carioca os costumes nacionaes do seculo passado e não ha como se esquecer as as figuras e modas obsoletas na maravilhosa ressurreição que lhe dá Machado de Assis com a perpetuidade do pitoresco do tempo. Aquelle mestre-escola de rodaque e sapatos de cordovão, empunhando a ferula de cinco olhos ameaçadores; aquelle orador de sobremeza, infallivel nas nupcias do cravo e da rosa, paranympados pela briza — o Dr. Valença, o homem grave, daquella gravidade que é um mysterio do corpo; aquelles pegadores de escravos fugidos, annunciados nos jornaes pela vinhetade um negro de carreiras; aquellas mascaras de folhas de Flandres, applicadas aos captivos beberrões; aquelle belchior "um frangalho de homem, barba côr de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado que provavelmente não achara comprador"; os sachristães mexeriqueiros; as anedoctas de cabriolet; as procissões, as benções do Santissimo, os irmãos da opa que repartem a vida entre a igreja e o theatro; — tudo passa e revive no kaleidoscopio magico dos contos e chronicas de Machado de Assis. Na chronica porque della tambem foi o principe na imprensa, em commentarios semanaes onde palestra o philosopho com paradoxos sui-generis, o critico espalha licções de arte e gosto e o *conteur* cria as mais engenhosas allegorias para dar-nos a illusão graciosa da realidæde de envolta com a ficção.

Onde porem todo genio de Machado de Assis fulge na força da criação é sem duvida na obra do romancista.

Perante a rutilancia do nosso céu e a magnificencia da nossa paizagem, è curial a indole do romance brasileiro para as descrições do scenario, com profusão de aspectos e côres locais em prejuizo do estudo da figura humana.

Machado de Assis apresenta-se contrario a esse pendor desde as primeiras obras, e por isso, mais do que na poesia, pode ser olhado uma excepção na literatura nacional. Já em seu romance de estrêa o psychologo reponta sobre leves côres do romantismo. Permanece em face da natureza morta com estranha impassibilidade, tal e qual a figura de Felix: "A tarde estava linda. Felix entretanto cuidava menos da tarde que da moça (Resurreição)." Sua attitude de interesse pelo homem e descaso pelo mais, releva-se a cada passo: "A deliciosa paizagem ia enfim ter uma alma; o elemento humano vinha coroar a natureza. (A mão e a luva)".

O novellista que na voz de um dos seus personagens, dizia não basta ver uma mulher para a conhecer, è preciso ouvil-a também, ainda que, muitas vezes basta ouvil-a para a não conhecer jámais, acabou um fino conhecedor da nossa esphyngé. Seus perfis femininos da primeira phase, embora inspirados nos modelos de um romancista francez, formam excellente galeria de retratos da mulher brasileira. No romance cujo thema bordou nos versos do poeta inglez, de que as nossas duvidas são trahidoras e perdemos o bem pelo receio de o buscar, vemos facilmente uma das nossas relações, na bella viuva Livia que, com soffrimento embora, renuncia ao segundo amor por incompatibilidae de character e no grande amor materno encontra força para essa renuncia e consolo de sobra ao sacrificio da paixão renascente. Admira tanta mestria no estudo dos caracteres desse romance de estrêa, estudo feito não pela descrição mas pelo correr dos factos, pela acção, pelas palavras dos heroes.

Comprehendemos assim a justeza da critica de Machado de Assis ao Primo Brazilio, censurando neste romance a feição anedoctica do enredo, com o fio preso pelos destinos de uma carta. Em Ressurreição o desfecho que traz uma carta, é a consequencia logica do desenvolvimento dos caracteres do romance, não podia ser outro dada a feição de cada um.

No mixto de ambição e altivez, de voluntariedade e desdem, sem sacrificar o coração a troco de recompensas da protectora mas recahindo a propria escolha no homem de vontade mais firme, no que para a sua mão seria a unica luva pelo ajuste das almas nas mesmas ambições, a heroína d'A Mão e a Luva é bem nossa pa-

tricia em um plano acima das condições do berço pelo quilate dos seus sentimentos e os fulgôres da sua belleza.

E' bem a matrona brasileira que superpõe seus intentos de felicidade para o filho ao egoismo materno, aquella D. Valeria Gomes da "Yayá Garcia", que, debaixo do fallacioso pretexto de patriotismo, a que sorria o sceptico Luiz Garcia, vendo sobre o interesse collectivo o fundo da vantagem particular, separa os affectos, manda o filho para a luta do Paraguay, afastando-o de um casamento prejudicial a seu vêr. Vulto de rara impassibilidade moral é Estella, a abnegada do seu quinhão de amor, pelos melindres do seu orgulho na dignidade da sua pobreza.

Helena é toda a doçura de dedicação filial e o perfil de mais caroavel suavidade na galeria de Machado de Assis. Prende-se a gente á ternura dessa moça que no conchego do seu palacete, vendo atravez das vidraças cahir lá fóra a chuva em largas toalhas, pensa nos "que não têm abrigo ou o têm máo, nos que não têm tectos solidos, nem corações amigos ao pé de si. "Ha uma aureola de santidade na sua attitude de interrogação ao céu, nos momentos de angustia do seu drama intimo: "o céu não lhe respondeu nada; esse immenso taciturno tem olhos para ver, mas não tem ouvidos para ouvir. Os milhões de estrellas que scintillavam, pareciam rir dos milhões das angustias da terra".

Gravam-se nos para sempre nesse romance os "dias marcados no calendario com letras de ouro e setim e as noites que descem coroadas de murta e rosas" e ao nosso glorioso escriptor poderia ser como era, a saudosa ilha de Ys sobre a qual se debruçava na velhice para ouvir o echo longinquo do seu coração. O romancista que buscou um logar no nosso lar, collaborando em revistas femininas e de modas, tem jus á vossa preferencia, minhas excellentissimas senhoras, já pela nobreza desses perfis, já pela castidade da sua penna sempre alerta e em respeito ao vosso pundonor.

Eis que o talento de Machado de Assis attinge o gráo de plenitude, destinando-se a obras até então ineditas em lingua portugueza e vêm a lume espaçadamente as Memorias posthumas de Braz Cubas, o Quincas Borba, D. Casmurro, Esaú e Jacob, e o Memorial de Ayres-terna resenha das saudades intimas.

Si uma das feições primaciaes do genio é o da improvização pessoal, outra mais commumente reconhecida é o da innovação, é o da creação. Machado de Assis creando o humorismo nacional, logra proporções de genio literario pela intuição com que, commedindo o riso esfusante da nossa raça, o nosso tom chocarreiro, adaptou-nos o espirito a um genero de graça a que na apparencia era inamoldavel.

O *humour* que se affigura característico exclusivo dos anglosaxónicos, como dom do riso do homem grave perante a dor e da compaixão perante o ridiculo; termo sem definição possível para Paul Mille e maneira que a partir do seculo XVI, de Roberto Burton entre outros escriptores, vae se evoluindo de Swift a Addison, Sterne a Fielding, para ser mais a satyra com Thackray, com Dickens mais a piedade pela fraqueza, apresenta-se como expressão necessaria na litteratura franceza para exprimir a fórma dos seus escriptores já segundo a evolução daquelles modelos, e, embora commum ás diversas litteraturas, sempre conservará intrinsecas notas de distincção o *humour* inglez, por inexprimeveis, impalpaveis subtilizas e só atravez do temperamento excepcional de Machado de Assis é que poderia transfundir na nossa lingua e revelar-nos a aptidão e conformidade do nosso espirito a esse genero de graça fina, desigual, especifica e ás vezes absurda.

Recordae-vos de certo, meus senhores, do velho Jankins, um dos *snobs* de Thackray, renitente em principiar a conversação por este teor: Quando eu estava na camara... A verdade, diz o humorista, é que representara um burgo podre durante tres semanas e foi-lhe invalidada a eleição por irregularidades e corrupção; propoz-se depois candidato por tres vezes, mas foi sempre derrotado. Parece o Paula, de Machado de Assis, aquelle que, na expressão mais fina do nosso humorista, fazia a sua Hegira da sua administração interina.

Todavia alguns reflexos de Thackray não bastam para lhe filarmos Machado de Assis, cuja satyra é de dardos menos agudos, a ironia de menor petulância, o sarcasmo de menos amargura, e, ao passo que por este prisma Eça de Queiroz pode ser collocado na linha directa do satyrico da Feira das Vaidades, o humorista brasileiro entra na categoria de Swift, Sterne e Fielding, com a frieza da ironia, a agudeza da sensibilidade, a analyse minuciosa dos moveis humanos, a delicadeza das emoções e as vezes o desabusado da psychologia.

Semelha-se-lhe o processo em Braz Cubas ao de Sterne na Viagem Sentimental, pela ausencia de methodo, mas ha menos desordem na disposição e seguimento dos capitulos e em D. Casmurro as digressões decorrem naturaes do entrecho principal.

Nessas obras como em outras da segunda phase do nosso escriptor, o *humour* revela-se porem tão nacional no estudo de typos genuinamente brasileiros, como aquelle inesquecivel José Dias o homem dos superlativos, o superlativo, o exaggero tão da nossa tendencia, que, na verdade, em que peze a autoridade de Graça Aranha, discordamos da sua opinião sobre ser o *humour* ge-

nero precível e sò o estylo salvar a obra de Machado de Assis. O humour é genero universal com variações peculiares a cada povo, como vimos, e além da perfeição estylistica, assegura perennidade á obra do nosso grande romancista, essa galeria de creações animadas de espirito genuinamente brasileiro umas, outras de caracter universal que, si não entraram na popularidade é mais por inaptidão geral de comprehender-se figuras sem linhas caricaturaes e traços grossos, como o Jeca de Monteiro Lobato.

Si a minucia da analyse intima lembra-nos de Maistre, a verosimilhança que empresta o nosso autor á animação das cousas inertes, lembra-nos por vezes Hawthorne e Jacobs, como por exemplo, na scena daquelles santos em colloquio sobre os fins interesseiros das promessas e sobre a desillusão das devoções. Dando philosophia ás rosas e aos canarios, sua arte se emparceira a de Anatole France e além de repartir com o fino espirito francez as graças do scepticismo, logra com elle a prioridade de por essas alegorias haver lobrigado a theoria da relatividade.

Jámais esqueceremos seus personagens que amam os proprios pensamentos pela sonoridade das phrases com que os exprimem e que lhes rolam na bocca até exgotar-lhes o sabor; seus paradoxos são insinuantes como a verdade, não extranhando a gente seus intuitos de provar-nos a superioridade de uma chimera formada na opinião, sobre o valor da realidade, como no Segredo do Bonzo.

Quando nos diz —deixem-me sonhar, a realidade é o luto do mundo, o sonho é a gala, reconcilia-nos entretanto com a realidade, leva-nos a amar o concreto, o palpavel e o eterno, porque, por mais absurdo na apparencia, dissecando o homem com o interesse do poléa pela mosca azul, não nos mata a alegria da illusão, com a piedade, a doce attenuante dos nossos defeitos: "A mãe de D. Placida era rabujenta. Tinha a rabujem do temperamento, dos annos e da necessidade."

Os reflexos de outros grandes escriptores não lhe tiram a nota pessoal, nem lhe diminuem a singularidade artistica, permanecendo o mesmo, como na observancia daquelle preceito dos versos de Garção:

O raro Apelles,  
Rubens e Raphael inimitaveis,  
Não se fizeram pela côr das tintas;  
A mistura elegante os fez eternos.

Antecedeu a muitos em certas creações, a do Pacheco, por exemplo, cuja inspiração talvez Eça tenha buscado no nosso escriptor, encontrando o delineamento do seu aspecto intellectual

no "Medalhão" e da sua figura physica naquelle mesmo Dr. Valença, das bodas de Luiz Duarte.

Aprecia-se melhor tal prioridade cotejando-se as datas de certas producções de Machado de Assis com outras analogas de Anatole. Observe-se, por exemplo, o desgosto de Mr. Bergerat na collocação asymetrica de dois quadros e a perplexidade do sogro de Luiz Duarte na escolha de lugares convenientes para dois quadros de assumptos diversos.

Possuia o dom de renovar velhas imagens, por um segredo do technica, imperceptivel. Risadas crystalinas, transforma em "risada fresca e forçada, mas longa ainda assim, *como o som de um golpe no crystal.*"

Imagens tomadas á mythologia, renova-nas com o burlesco, tirando-lhes todo o ensosso do antiquado: "Mas apezar disso, tinha calcanhar o nosso Achilles. Outros Achilles andam por ahi que são da cabeça aos pés um immenso calcanhar."

Reconheço, senhores, quanto é aborrecido escutar alguém em silencio, e não podendo lembrar-vos o resumo de cada romance, que encontrareis nas conferencias magistraes de Alfredo Pujol, tambem seria longo desenhar-vos as silhuetas de alguns heroes.

Lembremos todavia o D. Casmurro que escapa ao seminario e na decepção do amor devendo amargar-lhe a vida, ainda se lhe prende num absurdo apego e sorve-lhe ainda certo encanto; Braz Cubas, sceptico, cynico e frivolo e todavia com olhos abertos para o immenso escarneo da natureza; Quincas Borba, de bondade explorada, devolvido á morte na indifferença dos homens e do céu; Fah-Nor, que fóra do throno reconhece a maldade de todos os homens, grandes e pequenos; o José Maria, de outro conto, o louco que, regressado ao mundo com o dom da experiencia, por esse mesmo dom não pode gozar prazer algum na vida—todos os typos dos romances e contos da segunda epoca de Machado de Assis é certo que respiram o pessimismo, possuem porem algum lado de humana sympathia, deblateram sem idealidades vãs, emergem vivos em proporções razoaveis, encarnam o homem na maldade contingente á nossa natureza e na bondade rara das nossas conveniencias, uma creatura para ser lastimada na inanidade dos seus esforços, antes que odiada por seus actos.

Esse pessimismo é todavia para ser querido, porque é uma licção, já que derrama uma luz implacavel sobre o acervo fragil das nossas illusões e assim nos fortifica na indifferença serena por todas as maldades.

Si na primeira etapa Machado de Assis é um dinamizador da bondade e da nobreza, na segunda é um professor da realidade desarticulando todas as molas do funambulo humano, mas rindo e deplorando sobre as condições infelizes da especie, ainda assim é um educador da alma.

Urge, senhores, nosso passo final neste labirinto de thesuros e surpresas da obra de Machado de Assis.

O que é certo é que como jardineiro aprimorado no trato caroavel de flôres de aroma rival, encontrarieis um guia de seducção e segurança no autor de tantos contos em relevo nos órgãos mais literarios do paiz, como é o autor *d'O amigo dos desconhecidos*, do *Ultimo dia da mocidade*, da *Historia de um cão* e de tantos outros estudos de notavel psychologia.

Para fallar-vos do estylista, do classico da lingua, como o proclamou Ruy Barbosa, dizendo que prozava como Frei Luiz de Souza e cantava como Luiz de Camões, vossa escolha sem duvida recahiria em quem escreveu as *Notas á margem*, com o sabor e a pureza do antigo vernaculo. A'quelle autor que é o nosso presidente, a este outro illustrado consocio e aos que lhe seguiram os votos, todo o vosso reproche pois, e não a mim.

Perdõem-me porem as autoridades na materia a ousadia de alguns reparos sobre o fallado classicismo de Machado de Assis. Em que consiste elle? No escoimar a lingua de termos peregrinos, do gallicismo tão combatido? Parece-nos que não. Deparam-se-nos em seus escriptos, ficelle, piquenique, e taes outros termos. E' que sua cultura suggeria-lhe outra visão da pureza da lingua, olhando o combate ao gallicismo como sobrevivencia da reacção portugueza á influencia da politica franceza nos começos do seculo passado. Certo, quando os catadores de gallicismo, renitentes maniacos em geral desautorizados, apontavam-lhe um "reproche" e outros termos semelhantes, elle lhes indicava a genuina fonte no idioma. Seu classicismo era na originalidade do pensamento e na simpleza e graça do dizer. Estava na construcção conforme a indole do nosso instrumento, a inversão elegante da phrase, as figuras variadas da sua syntaxe difficil de cujos segredos se senhoreou bebendo nas fontes quinhentistas, podendo rendilhar as filigranas dos seus periodos sem o analytismo da lingua franceza e sem as muletas de indefinidos e possessivos que tanto afeiam até escriptores de certo renome da actualidade.

Modelo de vernaculo castiço e todavia em proporcionado medida de evolução através do tempo e da transplantação aa continente, com os acarretos de novos elementos, são as paginas de Machado de Assis e no brilho perpetuo da sua riqueza cultu-

ral, é de se lastimar o retrahimento fidalgo do seu temperamento que o levou a abdicar a critica em autoridades menores.

Não é vasta a obra do critico ao lado da do conteur e romancista, alcança porem larga influencia na imparcialidade dos conceitos, no empenho de arrancar a nossa producção das faixas infantis da imitação exclusiva, apontando-lhe a amplitude dos terrenos de indole exclusivamente nacional, as raizes nossas, banindo della as preocupações estrangeiras, as fontes sem relações com o nosso meio, as escolas já passadas de moda e ainda vigentes entre nós pela anomalia anachronica do nosso progresso literario.

Cabe-nos aqui um parenthesis sobre a sua repulsa ao realismo. Apesar de sua grande admiração pelo introductor da technica de Flaubert em Portugal, admiração em que havia reciproca, fundava-se-lhe a aversão mais pelo uso das expressões grosseiras, pelas descripções repugnantes, reprovando tambem o accumululo de incidentes extranhos e prejudiciaes á composição literaria, julgando comtudo algum resultado aproveitavel na escola realista, adoptadas certas restricções.

Nesta directriz de fino senso esthetico, com a fidalguia do seu espirito e a bondade de um patriarcha, apontou defeitos de observação, de processos e de estylo a toda uma geração.

E que geração !

Bilac, Alberto de Oliveira e Raymundo, Arthur Azevedo e Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e Lucio de Mendonça, Mucio e tantos mais—toda uma via lactea espiritual do paiz.

Ha alguma coisa de commovente e grandioso nesta longa carreira literaria em que Machado de Assis dá os primeiros passos ao lado da geração já remota dos nossos primeiros lyricos, Casimiro, Alvares de Azevedo, Teixeira de Mello, Aureliano, apresenta Castro Alves ao paiz; destaca-se junto a Macedo, Alencar e outros romantics envoltos hoje como no halo da legenda, vence o tempo e com essa outra geração que quasi lhe deveu a formação, vem a pontifice das nossas letras e alvo da homenagem dos seus pares gloriosos.

O engenho adaptavel a todos os generos das letras, desde o theatro onde terão perpetua vida aquella satyra subtil, *O Deuses de casaca*; e aquelle acto de pura emoção artistica, *Tu, só, tu, puro amor*; a facundia do chronista que com penna comparavel a de *Saint-Simon* nas *Memorias*, herdou-nos os retratos admiraveis do Conde de Irajá, do senador Nabuco e do Visconde do Rio-Branco na evocação do Velho Senado—uma pagina em que com traços miudos da penna desenha detalhes que são revelações das figuras; o extremado zelo pelos nossos destinos no dominio da arte pura, a

inflammar-lhe a velhice em dedicação pela Academia Brasileira; o idealismo desinteressado da sua vida; a constancia do seu affecto conjugal que na viuvez só lhe encheu o coração de "pensamentos idos e vividos", tudo em Machado de Assis revela-nos o merecimento da consagração com que o paiz cercou-lhe os dias de carinho ao cabo da gloriosa carreira.

A "solitaria palmeira" enfeitava-se com as grinaldas das orchideas em flôr. A Academia de Letras em commovida sessão entregava-lhe o galho de carvalho de Tasso, que Nabuco fôra colher á tumba do genio italiano para homenagear o poeta nacional, e o pincel de Chambelland fixava-lhe a attitude melancholica ao lado da dilecta lembrança do seu grande amigo.

Ha em uma novella ingleza um personagem que, na hora em que embarcamos áquelle eterno mar sem praias dos destinos humanos, desfia no rosario da memoria, todos os fugitivos instantes da vida. Então lhe accode a scena dos dias de universidade, o longo corredor, a longa fila dos estudantes nas amplas capas. Mordem-no as tenazes da morte e elle vê a mesma scena e lembra-lhe a manobra de todos os dias, quando, para furtar-se ás licções, negava-se a responder a chamada de presença, escondendo-se atraz de algum collega.

E nunca respondia. Mas agora, ouve distinctamente o seu nome e oh! contradicção, pela primeira vez responde com voz vibrante e nitida: Presente!

Não são raras taes contradicções.

Machado de Assis que bebeu sorvos amargos na taça da vida, desde a mocidade obscura até a madureza e a velhice opprimidas por uma enfermidade tão cruel que a chamaram o mal sagrado; elle que pela provança desse soffrimento e o humano pudor de o esconder e a doçura da sua resignação, pôde nimbar-se da aureola da santidade leiga de Comte, Antero e de outros pensadores, e que, nas syncopes dolorosas da sua alma punha na bocca da extranha visão de Braz Cubas, a apostrophe terrivel:—Vives, não quero outro flagello, e mais para diante, no depoimento do proprio heroe:—Este capitulo é todo de negativas: não tive filhos, não transmitti aos outros o legado das nossas misérias; Machado de Assis, quando no bairro aristocratico do Cosme Velho, os amigos lhe cercam o leito de agonia, reconcilia-se com a vida nestas singelas e ultimas palavras: A vida é boa.

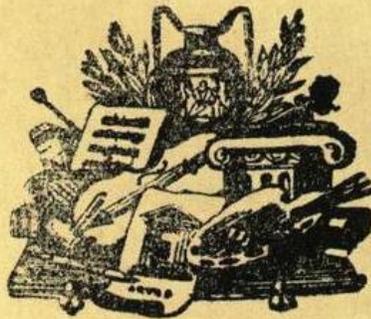
Ha então todo o fervor de uma apothese na sua transfiguração. A' beira do feretro Ruy Barbosa da-lhe o adeus da Academia em um discurso panegyrico que é a consagração do genio de ambos. O paiz deplora a perda do inexcedido prosador, pelos rogos da sua imprensa em unisonos louvores e pelo orgão da sua

politica na voz de Alcindo Guanabara no Senado. E a grande capital transporta os despojos do amado romancista numa onda de povo como jamais nas suas ruas acompanhou nem um mortal.

Paraphraseando os versos a Molière, podemos dizer que nada faltou á sua gloria.

Falta ao paiz apontar constantemente a licção desta vida. Porque, senhores, por mais laivos de um logar commum, diremos que, para incentivar a geração do presente no trabalho da nossa grandeza material, das possibilidades da nossa riqueza industrial, basta-nos lembrar-lhe o esforço da geração do passado que creou o Brazil no arrojo das bandeiras e mesmo a luta de grande parte da geração do presente, na iléa da Amazonia, refazendo o sólo que o rio desmancha nas *terras cahidas* e na formação de Matto-Grosso com a encantadora improvização das nossas cidades sulinas e com o devassamento heroico de nosso asperrimo Oeste.

Mas para estimular a gente de hoje e de amanhã nos labores abnegados do pensamento, da cultura nos dominios da sciencia ou da arte, com que alcançará o paiz incontestemente prestigio e o pólo da civilização de um futuro que se approxima, cultura sem a qual falhará á plenitudeda sua grandeza e será entre as nações como entre os individuos esses sonoros e vazios bezerros de ouro, devemos indicar-lhe vida de nobreza como esta de Machado de Assis que, sem bulha nem matinada, ao brandão apenas de um recto ideal, fazendo em silencio o trabalho do pensamento como as abelhas na obscuridade fazem o seu mel, segundo a imagem feliz de um grande escriptor, preenche os dons maravilhosos da natureza e pelo estudo, pela sciencia e pela arte, pela constancia e abnegação no trabalho, penetra os porticos da perpetua gloria e da serena immortalidade.



# Páginas contemporâneas

## POESIAS DE JOSÉ DE MESQUITA

Foi Brecheret, o artista torturado das formas impecáveis, na escultura, que me revelou um momento grandioso personificando nitidamente o ideal da humanidade através dos tempos.

Uma estatua de homem, masculino, exuberante de vida, no deslumbramento de uma visão feminina, pairando sereno, nas alturas, fulguro e sorridente.

E em baixo, na penha, outras estatuetas perfilam-se, conservando-se em igual attitude de admiração.

Denominou o artista o monumento "Vittoria." Criação magnífica, soberba de beleza e de verdade, a glorificação symbolisadora da luta dolorosa da humanidade para a conquista

«Da Belleza por quem nossa alma aneia  
Nesse anelo sublime, indefinido,  
Que em nosso imo palpita.»

E este aneio de nossa alma pela Belleza que José de Mesquita sentiu e sagrou no movimento cadencioso do verso, é a inclinação do espirito humano para o progresso e a perfeição suprema.

«E's tu que desde as épocas primevas  
nessa lenta ascensão da humanidade  
PARA O PROGRESSO e a PERFEIÇÃO SUPREMA  
nos guias e confortas.

O ideal do progresso e o alcance da perfeição suprema, só se podem interpretar como a manifestação mais elevada do Bem, que consideramos, uma luz de divindade a reflectir em nós, exteriorisando-se, nos nossos actos como amor, e no nosso intimo como consciencia.

E deste conceito, somos naturalmente levados á conclusão de que para José de Mesquita a arte é alguma cousa mais ampla e apreciavel do que a alma humana buscando a alma da natureza, do que crystallizar de sentimentos, sonhos e sensações para ser tambem "o sonho que envolve toda a verdade, e toda a justiça, e toda a virtude e todo o amor".

O artista por mais impessoal que o seja deixa transparecer os pensamentos que concretizam a sua profissão de fé.

E assim, José de Mesquita, pelo que se apprehende dos seus versos, póde enfileirar-se galhardamente na phalange dos pensadores que tem Jackson de Figueiredo, como philosopho e como o corypheu dos seus poetas, Garcia Rosa.

A clara e real intuição da arte induz José de Mesquita a considerar a vida todo um rythmo, todo um vibrar de harmonias.

Concepção elevada e luminosa, em que resplende todo o principio de verdade, e portanto de Sciencia.

«Nada está parado, tudo se move, tudo vibra» o que quer significar tudo é rythmo, tudo é vida, tudo é amor.

Ha musica em cada uma  
vibração, seja da alma ou da materia. Assim,  
ha rythmo na vaga a abrir-se em branca espuma  
e no desabrochar dum calix de jasmim.  
Ha uma canção azul no céo, antes do dia,  
linda como um desejo adolescente,  
e uma outra cheia de melancholia  
no ceu poente.

A paisagem é um canto. O dia é um hymno :  
 PARTITURA do céu, inda incerto a clarear,  
 VIVISSIMO do azul, á hora do sol a pino  
 SMORZANDO da luz crepuscular...

Tremulos de agua ao luar, cheia de vagos frisos ..  
 serenatas de velas no mar largo.

Até as serpes tem a musica dos guizos  
 Sò o paúl é sempre abandono e lethargo.

Nada

é mudo sob o céu... Tudo — aza, chilro, flor,  
 traduz uma emoção contida ou extravasada.

A alma tem a musica do amor.

Para o poeta "só o paúl é sempre abandono e lethargo ; mas nem por isso, elle é sem rythmo, sem vibração, sem "alma", e José de Mesquita ha de convir que o paúl é alma do tédio, um sonho de tristeza, um rythmo de dolencia.

Um dos predicados mais notaveis de José de Mesquita é não se fazer uma victima da dôr.

Sabe-se que elle soffre porque nol-o diz.

Soffrimento vago, melhor— é um resentimento, assim como a sua tristeza, não é destas dolorosas, que pungem ; è antes melancholia repassada de ternura.

A's vezes cuido que tens na alma  
 tal como a tenho triste e calma

E QUE A SOFFRER

VIVES TAMBEM, TAL COMO VIVO,

EM VÃO BUSCANDO UM LENITIVO

AO PADECER.

José de Mesquita tem muita afinidade espiritual com Vicente de Carvalho ; pelo meno , consideram a vida e o amôr sob o mesmo prisma.

O livro "Poésias" divide-se em quatro partes prefigurando a evolução espiritual do jovem poeta.

A primeira, do "Amôr", é a menos fulgurante, mas a mais terna, a mais expressiva; poesias lyricas subjectivas, individuaes e com razão, visto que o "lyrismo é a poesia pessoal, a que exprime os sentimentos nados da existencia".

São as paginas dos roseos sonhos, dos anceios de amôr, dos embalos fagueiros de esperanças; são as paginas dos noivos e dos enamorados.

### MINHA MUSA

Todos os versos meus são teus, querida,  
mesmo os que fiz sem bem te conhecer  
porque tu foste em toda a minha vida  
a que sempre esperei antes de vêr.

Tu realisas o ideal do meu passado,  
a alegria feliz do meu presente  
o sonho do futuro desejado  
e eu só vivo por ti, unicamente.

E neste e em todos os meus versos, minha  
doce Musa, o teu nome has de encontrar  
enchendo cada estrophe e cada linha,  
com um eterno rythmo a vibrar.

Podéria citar ainda o singelo e delicado octasyllabo "Foyer" em que o autor resalta o sentimento de familia; "Poesia Viva" e todas as estrophes das "Horas Felizes".

A segunda parte "Da Natureza", são poesias objectivas, descripções de paineis naturaes, evocações historicas, como "Gavea" "A morte da luz" e o bello soneto

## O PASSEIO DA RAINHA

Semiramis, a loura, accorda e, ainda enervada,  
do somno, vem passear no terraço esplendente.  
Sua pelle assemelha a rosa machucada,  
languida, sensual, voluptuosa e indolente.

Uma tunica cor de amarantho bordada  
mal lhe véla do corpo a graça surprehendente,  
e ella vê Babylonia, a sumptuosa, prostrada  
a seus pés... Todo o fausto e riqueza do Oriente...

Jardins, torres, harens, bosques verdes e lagos...  
E a rainha chegando ao terraço escancára  
a janella do poente e ali fica, a sorrir,  
lançando o doce olhar, cheio de anceios vagos,  
para o Euphrates distante onde uma vela clara  
espera vir o luar para poder partir. .

E' nas duas partes "Do Sonho" e "Da Arte" que o  
poeta acentua a personalidade de artista.

As poesias apresentam-se nos com mais brilho, com  
mais vida e arte.

Creações, as quaes não se pode negar valor, porque  
são de fundo e de fôrma, como "Estranho Culto", "Mystica"  
«Castellan» o tercetto "Outono" e a admiravel poesia

## PALMEIRA REAL

Só, no ermo, a fitar o firmamento mudo,  
erecta e sobranceira, abrindo no ar, altiva,  
as palmas verde como um heraldico escudo,  
ha uma palmeira pensativa.

Ou ruja a trovoadá em bramidos de hyena  
ou brilhe a primavera esplendida e festiva,  
seja tarde de outono ou de verão, serena,  
Scisma a palmeira pensativa.

A's vezes, o luar pelas noites de outono,  
banha-a de sua luz maguada e suggestiva  
e, languida, a scismar, num torpor de abandono,  
sonha a palmeira pensativa.

Outras vezes o sol, a sua gloria de ouro,  
beija-a, morde-a, incendeia-a em sua chamma viva  
e ella impassivel, fita o sol formoso e louro,  
numa attitude pensativa

Ah! talvez este aneio infindavel cessasse,  
si a doce Natureza, um dia compassiva,  
esta alma torturada e triste transformasse  
Numa palmeira pensativa.

José de Mesquita exprime-se do modo natural, mas elegante e claro, alliando a linguagem ao assumpto, revelando a sua tendencia para o parnasianismo de cujos representantes maiores recebeu o influxo.

Para bem definir a personalidade do Poeta, poderemos dizer o que Amadeu Amaral disse a Raymundo Corrêa "um parnasiano de alma romantica."

A sua inspiração essencial é o amor, mas um amor banhado de luz e cheio de harmonias; secundarias os estados psicologicos da natureza.

E' justo; existe certa identidade entre o individuo e o meio que o envolve, e se ha alguma coisa de bello, de attrahente e animador, em Matto-Grosso, seja a luz refulgente, abundante, forte e fecunda que lava toda a sua natureza.

Dizem que dos "poetas tudo são flores, e pelos fructos não devemos esperar"; as "Poesias" são as primeiras perfumosas flores espirituaes de José de Mesquita, e esperemos pelos fructos que serão saborosos.

*Alcindo de Camargo.*

# Páginas esquecidas

## A noite

Forte asilo que, dino e immutavel,  
Sem principio nem fim, nunca perece,  
Eterno templo, mystico insondavel,  
Onde se acolhe fervorosa prece...

Tú, ó tú, céo de estrellas recamado,  
Que tranquillo te banhas ao luar,  
Doce allivio do triste desgraçado,  
Que te olha, constricto, a supplicar ;

Teu aspecto sublime me extasia,  
Suspende-me os sentidos, me seduz...  
Que suave percorre a phantasia  
O teu leito de perolas e luz!

Gosto da noite: acho no seu repouso  
Certo encanto propicio á minha dôr,  
Quando absorta num extranho gozo  
A minha alma se eleva ao Creador !

Cuyabá, 11---8—1890

*José Delfino da Silva*

# Páginas dos Novos

A Alcindo de Camargo

## PALMEIRAS

O' vós esgalgas, mysticas palmeiras,  
Que no tôpo das serras verdejantes,  
Ao bulicio das auras forasteiras,  
Españejaes as nuvens mais distantes;

Vós, que banhaes as soltas cabelleiras  
Em tremulinas de astros rutilantes,  
Ô' rainhas esbeltas e altaneiras,  
Espectros impassiveis de gigantes;

Tendes o sonho ardente do meu seio:  
Embora pequenino surjo altivo,  
Na mesma exaltação, no mesmo anseio!

Mas, quando iremos nunca aos ceos doirados,  
Se vos prendem raizes, e se eu vivo,  
Prisioneiro de dôres e peccados?

Cuiabá 6—6—924

*Martins Oliveira*

**Actas das Sessões do Centro**

**Mattogrossense de Letras**

*Acta da sessão extraordinaria de eleição para preenchimento  
de duas vagas no "Centro Mattogrossense de Letras."*

Aos vinte dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e vinte e tres, reuniram-se no salão nobre do Palacio da Instrucção, pelas nove horas, os socios do "Centro Mattogrossense de Letras" Senhores José de Mesquita, presidente, Antonio Fernandes de Souza, Octavio Cunha, Ovidio Corrêa, Franklin Cassiano, José Vilá e Philogonio Corrêa, em sessão extraordinaria.

Lida, approvada e assignada a acta da ultima sessão ordinaria, foi igualmente lido o expediente que constou do seguinte: uma carta da Exm<sup>a</sup> Viuva do Conselheiro Ruy Barbosa agradecendo as manifestações de pesar do "Centro" por occasião da morte do seu illustre esposo; um officio circular do Exm<sup>o</sup> Senr Dr. Edmundo de Macedo Ludolf communicando haver assumido o exercicio do Cargo de Juiz Federal na secção d'este Estado; cartões dos socios D. Aquino Corrêa e Augusto Cavalcanti de Mello enviando, por impossibilidade de comparecer á sessão, os seus votos para preenchimento das cadeiras 10<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup>, vagas no "Centro" em consequencia de mudança de residencia dos seus proprietarios; communicações dos socios Dr. Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta e Cel. José Magno da Silva Pereira, declarando que votam nos candidatos inscriptos para preenchimento das duas vagas; carta do socio João Cunha delegando poderes ao socio Philogonio Corrêa para represental-o na eleição; e finalmente dois requerimentos concebidos nos seguintes termos: — 1<sup>o</sup>) Exm<sup>o</sup> Senr" Presidente e mais membros do "Centro Mattogrossense de Letras" — Estando vaga a cadeira n<sup>o</sup> 10 deste "Centro" de que é patrono Joaquim Murinho velho, nos termos do art<sup>o</sup> 4<sup>o</sup> do respectivos Estatutos, candidatar-me ao seu provimento.

Embora destituído de qualquer merito literario, ousou apresentar o meu nome para preencher a alludida vaga com o objectivo unico de contribuir nessa illustre companhia, com os meus poucos esforços intellectuaes, para o incremento da cultura literaria mattogrossense e melhor haurir incentivos e ensinamentos, ao lado de tão egregias personalidades.

Para tanto me estimularam as desvanecedoras phrases com que fui proposto socio correspondente deste "Centro" na cidade de Corumbá, obtendo os vossos benevolos suffragios para aquella investidura. Sirvo-me do ensejo para apresentar-vos as minhas cordiaes saudações. Cuyabá: 11 de Junho de 1923. (a) Oscarino Ramos — 2:) Illustre Presidente e dignos Membros do Centro Mattogrossense de Letras. "De conformidade com o art<sup>o</sup> 4<sup>o</sup> *in fine* dos "Estatutos" que regem essa brilhante Associação de Letras, apresento a minha inscripção para o provimento da cadeira n<sup>o</sup> 15 da qual é patrono o insigne mattogrossense José da Silva Guimarães.

Não possuindo embora, os adornos intellectuaes que aformoseam os fulgurantes belletristas que constituem o Centro Mattogrossense de Letras de util objectivo, cultivar as letras e diffundi-las no nosso meio, consola-me contudo a esperança de, pelo vosso exemplo e ensinamento, avigorar a minha

cultura, e assim ser-me dado dizer, como Elmano, o cantor sublime de Anália, invocando o éstro infortunado do vate latino dos "Tristes" e "Amores". Seguirei teus vãos, se não me é dado emparelhar contigo" no labor para o corôamento da obra magnifica e louvavel em que o "Centro" se empenhou. Confiado no vosso suffragio, subscrevo-me, com apreço. Cuyabá, 16 de Junho de 1923. (a) Alcindo de Camargo. Terminada a leitura do expediente o Snr° Presidente declarou ser a ordem do dia da sessão extraordinaria que se realizava, destinada á eleição de dois socios para preenchimento das vagas abertas nas cadeiras 10ª e 15ª do "Centro Mattogrossense de Letras," das quaes são patronos, respectivamente, Joaquim Murinho e Conego José da Silva Guimarães, vagas essas dadas em consequencia da mudança de residencia dos seus proprietarios, Cap. Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa e Dr. Manoel Xavier Paes Barreto.

Passando-se então ao processo eleitoral o Senr° Presidente convidou para escrutadores os socios Antonio Fernandes e Philogonio Corrêa, recebendo em seguida as cédulas, cujo numero foi igual ao dos socios presentes e representados (13).

Feita a apuração verificou-se terem recebido 13 votos, cada um, estando portanto eleitos por unanimidade, os dois candidatos inscriptos para as cadeiras 10ª e 15ª, e que foram respectivamente os Senrs Dr Oscarino Ramos e Alcindo de Camargo, aos quaes o Senr° Presidente proclamou socios do "Centro Mattogrossense de Letras" incumbindo a mim 1º Secretario de fazer aos eleitos a devida communicação.

A sessão de recepção dos novos socios ficou marcada para o dia 7 de Setembro do corrente anno, sendo escolhido o socio José Raul Vilá para recebê-los, ficando igualmente marcada para o dia 12 de Outubro a sessão especial na qual o socio Dr Octavio Cunha deverá pronunciar o elogio do seu patrono Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques.

E nada mais havendo a tratar foi pelo Senr° Presidente levantada a sessão.

(a) José de Mesquita, Philogonio do P. Corrêa, Octavio Cunha, Virgilio Corrêa Filho, Ovidio Corrêa, Franklin C. da Silva e Palmyro Pimenta.

### *Acta da sessão extraordinaria de eleição do "Centro Mattogrossense de Letras"*

Aos quinze dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e tres reuniram-se, pelas nove horas, no salão de honra do Palacio da Instrucção em sessão extraordinaria de eleição da Mesa do "Centro Mattogrossense de Letras," os Senrs José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Ovidio Corrêa, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta, Virgilio Corrêa Filho, Franklin Cassiano, tendo-se feito representar por delegação os associados D. Francisco de Aquino Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, João Cunha, José Magno da Silva Pereira e Augusto Cavalcanti.

Aberta a sessão, lida e aprovada a acta da sessão anterior, pelo Senr. Presidente foi declarado ser a presente sessão, nos termos dos Estatutos, destinada á eleição da Mesa e das Comissões que têm de servir no periodo de sete de Setembro de mil novecentos vinte e tres a sete de Setembro de mil novecentos e vinte quatro.

No expediente fôram lidos os seguintes officios: da Academia Mineira de Letras e do "Centro de Sciencias Letras e Artes," de Campinas, agradecendo a remessa do numero terceiro do anno segundo da Revista do "Centro Mattogrossense de Letras"; e do Instituto Historico e Geographico do Es-

tado do Espirito Santo communicando que em sessão commemorativa realisada a doze de Junho do corrente anno foi solemnemente empossada a Directoria que deverá gerir os destinos do Instituto até doze de Junho de mil novecentos e vinte e cinco. Passando-se a ordem do dia teve inicio a eleição da Mesa e das Commissões pela verificação dos socios presentes que se constatou ser em numero legal, findo o que foram depositados os votos na urna, sendo nomeados escrutadores os Senrs Philogonio Corrêa e Palmyro Pimenta.

Recolhidos os votos foi apurado o seguinte resultado: *Para presidente*, o Desembargador José de Mesquita, com onze votos; *vice presidente*, o Dr. Virgilio Corrêa Filho, com doze votos; *primeiro Secretario*, Bel Philogonio Corrêa, com onze votos; *segundo Secretario*, Palmyro Pimenta, com doze votos; *thesoureiro*, Franklin Cassiano da Silva, com doze votos. Foram ainda votados: *para presidente*, o Senr José "Magno da Silva Pereira, com dois votos, *para vice presidente* o Senr "José Magno da Silva Pereira, com um voto; *para primeiro secretario*, o Dr. Octavio Cunha, com dois votos; *para segund secretario e thesoureiro* o Senr Ovidio Corrêa, com um voto, respectivamente.

Procedeu-se em seguida á eleição das diversas commissões, colhendo-se o seguinte resultado: *Commissão de redacção*: Antonio Fernandes de Souza e João Barbosa de Faria; treze votos cada um; Ovidio Corrêa, com doze votos; e Dr. Carlos Borrvalho, com um voto.

*Commissão de admissão* José Vilá e Ulysses Cuiabano, com treze votos cada um; Desembargador Augusto Cavalcanti de Mello, com doze votos e José Magno da Silva Pereira, com um voto.

*Commissão de orçamento*: João Cunha e Dr. Miguel Mello, com treze votos cada um, Octavio Cunha, com doze votos e José Magno, com um voto.

Proclamados os eleitos, o Senr Presidente dirigiu palavras de agrade, cimentos e congratulações aos recém-eleitos e designou o dia sete de Setembro para posse solemne da nova Directoria.

E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão ás onze horas.

(a) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, Ovidio Corrêa, Alcindo de Camargo, João Barbosa, Oscarino Ramos e Palmyro Pimenta.

#### *Acta da sessão solemne de posse e de recepção do Centro Mattogrossense de Letras*

Aos sete dias do mez de setembro do anno de mil novecentos e vinte e tres, pelas vinte horas, achavam-se reunidos no salão nobre do Palacio da Instrucção os socios do Centro Mattogrossense de Letras, Jose de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio Corrêa, Franklin Cassiano da Silva, João Barbosa de Faria, Ovidio de Paula Corrêa, José Raul Vilá, João Cunha, Antonio Fernandes de Souza, Oscarino Ramos' Alcindo de Camargo e Palmyro Pimenta; presentes igualmente á solemnidade altas autoridades federaes e estaduaes, distinctas senhoras e senhoritas e avultado numero de cavalheiros, assumiu a presidencia Sua Exeçia. o Snr. Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costa que se achava ladeado pelos membros da actual Directoria do "Centro,,"

Aberta a sessão foi lida e aprovada a acta da ultima reunião, tendo em seguida o Senr. Presidente do "Centro" declarado empossados os socios eleitos para os diversos cargos da Directoria que tem de servir no periodo do sete de Setembro do corrente anno a sete de Setembro de mil novecentos e vinte e quatro.

Em seguida foi dada execução ao programma litero-musical confeccionado para essa sessão magna e que constou do seguinte 1º) Hymno da Independencia musica e cõro; 2º) Posse da Directoria; 3º) Fr-Liszt, Rapsodie nº16, piano, pela senhorinha Gertrudes Machado; 4º) Herva de tapera; poesia de D. Aquino Corrêa pela senhorinha Dinah Ponce de Arruda 5º Discurso de posse, pelo socio Oscarino Ramos; 6º G. Puccini, Tosca, Capriccio, fantasia, piano, pela senhorinha Vicentina Epaminondas; 7º Terras ancestraes, poesia de José de Mesquita, pela senhorinha Guilhermina de Figueredo; 8º Discurso de posse, pelo socio Alcindo Camargo; 9º La harpe eolienne, piano, pela senhorinha Anathalinda Beltrão 11º Discurso de recepção, pelo socio José Raul Vilá; 12º B. Itiberé A sertaneja, piano pela senhorinha Guilhermina de Figueredo; 14ª Saudade, soneto de Franklin Cassiano, pela menina Imenes Monteiro; 15ª Hymno Nacional, musica e cõro.

Em seguida foi encerrada a sessão

(a) José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa; Ovidio Corrêa, Alcindo de Camargo, João Barbosa, Oscarino Ramos e Palmyro Pimenta.

#### *Acta da 15.ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"*

Aos vinte e tres dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte e tres, pelas nove horas, em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras," reuniram-se os Senrs José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho-Oscarino Ramos, João Barbosa de Faria, Philogonio Corrêa, Ovidio Corrêa e Palmyro Pimenta.

Logo após a leitura e approvação da acta da sessão anterior procedeu o Snr Presidente a leitura do seu bem elaborado Relatorio referente ao anno social findo, no qual historiou minuciosamente os principaes factos occorridos durante esse lapso de tempo, submettendo igualmente á approvação da casa o balancete apresentado pelo Senr Benedicto London, procurador do "Centro" balancete esse que acusava um saldo de quinhentos e quarenta e seis mil e trescentos e vinte reis.

Passando-se á materia da ordem do dia, a casa deliberou acerca da proxima conferencia á realizar-se no dia doze de Outubro' em que o socio Octavio Cunha fará o elogio do seu patrono Manoel Esperidião ficando organisadas as commissões abaixo referidas para preparativos desse festival.

*Programma e ornamentação* — Philogonio Corrêa, Alcindo de Camargo e Franklin Cassiano; *Convites e recepção* Palmyro Pimenta, João Cunha e Oscarino Ramos.

Por proposta do socio Philogonio Corrêa ficou resolvido por unanimidade auxiliar-se o "Centro Mattogrossense," do Rio. recentemente inaugurado, com a remessa de obras e publicações destinadas a manter a secção de informações acerca de nossa vida intellectual; para isso constituiu-se uma-commissão composta dos socios Philogonio Corrêa, João Cunha e Ovidio Corrêa; e para representar o „Centro," na inauguração, foi nomeada uma comissão na qual figuram os Dr. Manoel Paes de Oliveira, Cap. Joaquim Gaudie e Dr. Soter Caio de Araujo.

Foi ainda objecto de deliberação que a 9ª e 10ª conferencia da serie de estudos sobre os patronos serão feitas pelos socios João Barbosa de Faria e Profor. Franklin Cassiano.

Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada.

(a) José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, Ovidio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, Cesario C. da S. Prado, Oscarino Ramos, Palmyro Pimenta e João Cunha.

*Acta da 16.ª sessão ordinaria de "Centro Mattogrossense de Letras"*

Aos dez dias do mez de Fevereiro do anno de mil novecentos e vinte e quatro, reuniram-se nesta Capital, pela nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, em sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras, os Senrs José de Mesquita, Octavio Cunha, Oscarino Ramos, Philogonio Corrêa, Cesario Prado, Ovidio Corrêa e Antonio Fernandes de Souza.

Entre outras deliberações tomadas, após a leitura e approvação da acta da sessão anterior figura a relativa á proxima conferencia de elogio dos patronos, em que o socio Palmyro Pimenta estudarã, a personalidade do jurisconsulto patricio Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.

Em seguida o Senr. Presidente deu conta á casa de haver recebido uma collecção da Revista da Academia de Letras, offerta da Directoria daquella sociedade, e bem assim promoveu a constituição de uma commissão encarregada de preparar a contribuição do Centro para o Diccionario de Brasileirismos que a Academia está organisando.

Não havendo mais materia a tratar-se encerrou-se a sessão as 11 1/2' (a) José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, Ovidio Corrêa, Alcindo Camargo, Antonio Fernandes de Souza, Cesario C. da Silva Prado, Oscarino Ramos, Palmyro Pimenta e João Cunha.

*Acta da 17.ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"*

Aos seis dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte e quatro, pelas nove horas, em o salão nobre do Palacio da Instrucção, reuniram-se em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" correspondente ao mez corrente, e destinada á eleição para preenchimento da cadeira nº 5 da qual é patrono Francisco Catharino, vaga pela mudança de residencia da proprietaria da mesma cadeira D. Anna Luiza da Silva Prado os Senrs José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Philogonio Corrêa, Oscarino Ramos, Ovidio Corrêa, Cesario Prado, João Cunha, Antonio Fernandes de Souza, Alcindo de Camargo, José Magno da Silva Pereira, Augusto Cavalcanti de Mello, Octavio Cunha e Palmyro Pimenta.

Após a leitura e approvação da acta da sessão anterior, teve lugar a eleição para a cadeira vaga, tendo sido eleito por unanimidade de votos o Bacharel Isac Póvoas.

Afim de se entender com a Directoria da "Associação Literaria Cuibana" a respeito da offerta ao "Centro" da Bibliotheca dessa sociedade foi designada uma commissão composta dos Senrs Philogonio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza e Alcindo de Camargo e para organizar a contribuição do "Centro" ao Diccionario de Brasileirismos da "Academia de Letras", os Senrs Virgílio Corrêa Filho, Cesario Prado e Ovidio Corrêa.

Foram igualmente organisadas duas commissões para tratarem do festival que o "Centro" vae realisar no dia treze de Maio proximo, no qual o socio Palmyro Pimenta fará o elogio do seu patrono Veiga Cabral, sendo

a primeira commissão de programma composta pelos Senrs Palmyro Pimenta, Alcindo de Camargo e Philogonio Corrêa e a segunda, de convites e recepção, pelos Senrs João Cunha, Antonio Fernandes e Oscarino Ramos. Antes de encerrar-se a sessão o Senr "Presidente declarou que iria providenciar sobre a communicacão ao socio recém eleito afim de que, após o imprescindivel entendimento com o mesmo, se fixasse a data de sua posse.

As' 11 horas foi encerrada á sessão.

(a) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Oscarino Ramos, Antonio Fernandes de Souza e Philonio de P. Corrêa.

*Acta da 18.ª sessão ordinaria  
do "Centro Mattogrossense de Letras"*

Aos quinze dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e vinte e quatro, ás nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, reuniaram-se em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Miguel Mello, Oscarino Ramos, Alcindo de Camargo, Philogonio Corrêa, effectivos, e o socio correspondente Christião Carstens.

Pela ausencia do socio 2º Secretario Dr. Palmyro Pimenta, deixou de ser lida a acta da ultima sessão.

No expediente foi lida uma proposta apresentando o Dr. Allyrio de Figueiredo para correspondente no Rio de Janeiro, sendo a referida proposta enviada á commissão de admissão.

Ficou resolvido que a proxima conferencia da serie de elogio de patronos seja feita pelo socio Coronel José Magno da Silva Pereira, bem como que se movesse uma sessão em homenagem a Machado de Assis, na qual o socio Cesarino Prado deverá falar sobre a obra do distincto literato brasileiro.

Por achar-se doente o socio eleito Isac Povóas, não poudo a casa fixar a data da sua posse, que se realisará logo que se restabelecer aquelle estimado patricio.

O Senr "Presidente deu conta á casa de varias providencias tomadas no interregno entre a ultima sessão e esta, entre as quaes a constituicão de uma commissão composta dos socios João Cunha, Palmyro Pimenta e Oscarino Ramos, para levar os pezames do "Centro" ao Exmº e Revmº Senr" D. Aquino Corrêa, Presidente de honra, pelo fallecimento do seu venerando progenitor.

O "Centro" deliberou ainda acerca do andamento dos trabalhos da Commissão de bibliographia; encerrando-se a sessão ás 11 horas da manhã.

(a) José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Cesarino C. da Silva Prado, Miguel C. de Oliveira Mello, Oscarino Ramos, Antonio Fernandes de Souza, Ovidio Corrêa e Philogonio de P. Corrêa.

*Acta da 19.ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras."*

Aos quatorze dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte e quatro, ás dezeseis horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, reuniaram-se em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Oliveira Mello, Oscarino Ramos, Ovidio Corrêa, Cesarino Prado, Antonio Fernandes de Souza e Philogonio Corrêa. Pela ausencia do socio 2º secretario, Dr. Palmyro Pimenta, foi a sessão secretariada pelo socio 1º secretario Professor Philogonio Correa.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. No expediente foi accusa-

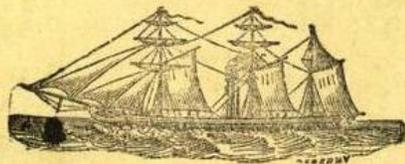
do o recebimento das seguintes publicações: — "Geographia do Ceará" pelo Barão de Studart e Revista da Academia Brasileira de Letras, anno XV, nº 29.

Foram tomadas ainda varias del'berações concernentes á vida interna da associação, entre as quaes a de se effectuar a 29 de Setembro proximo futuro a conferencia sobre Machado de Assis, pelo socio Cesario Prado, em sessão commemorativa da morte do grande escriptor.

Resolveu-se, outrosim, fosse inserto na acta da sessão um voto de sincero de vivo anelo pelo prompto restabelecimento da paz e da ordem constitucional tão rudemente perturbadas pelo movimento que ora conflagra a mais prospera das nossas unidades federativas, foco de trabalho intellectual fecundo e intenso, como é a gloriosa terra paulista, tão intimamente ligada á historia e á cultura mattogrossense.

As'18 horas foi encerrada a sessão.

(a) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, José Raul Vilá, João Cunha, Alcindo de Camargo, Antonio Fernandes de Souza, Oscarino Ramos Ovidio Corrêa, M. C. de Oliveira Mello, Cesario C. da Silva Prado, Octavio Cunha e Palmyro Pimenta.



---

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

---

*Recebemos e agradecemos:*

Revista da Academia Brasileira de Letras—ns. 24 a 33.

Geographia do Ceará -- Barão de Studart

O Jubileu de S. E. o Cardeal Arcoverde—Discurso do Ministro Felix Pacheco e resposta do Cardeal.

O Correio do Sul, de Campo Grande

A Razão, de S. Luiz de Cáceres

A Noticia, de Tres Lagôas

“Gazeta Official”

“Correio do Estado”

“Matto Grosso”

“A Cruz”

“A Luz”

”A Cidade”

“A Capital”

Revista do Ensino

Revista da S. L. Ruy Barbosa e

A Violeta — todos estes desta Capital



# BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

## DEPOSITOS

- O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:
- Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com retiradas livres . . . . . 5 %
  - Em contas sem limite, com retiradas livres 3 %
  - « « « « com aviso prévio . . . . . 5 %
  - « Depositos a prazo fixo de 1 anno . . . . . 6 %

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

## Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios  
e artigos de optica  
Officinas de relojoeiro  
e ourives com lapidação de  
diamantes annexa  
Bolsas de prata  
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

## Henrique Heslein & Serge

### IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Grande sortimento de  
Artigos estrangeiros e  
nacionaes

Exportação de Borracha,  
Ipecacuanha, pennas  
de garça

CASA ALLEMÃ

CUIABÁ

**A Cuiabana**

DE

**GEORGE KHAOAJA**

RUA ANTONIO JOÃO Nº 36

TELEPHONE: 104

Especialidades em

*Fazendas—Chapéus*  
*Calçados—Armarinhos*  
*Roupas feitas—Perfumaria*  
*Fazendas finas*

Artigos da moda e miudezas

Preços sem competencia

Ver para crer

**SERVIÇO FUNERARIO**

DA CASA DE

**VICENTE GAETA**

Rico e variado sortimento de artigos funerarios. Aceita encomendas a qualquer hora do dia ou da noite. A chegar: um rico sortimento de corôas funebres

RUA B. MELGAÇO 44

TELEPHONE 213

**Aproximando-se**

O FIM DO ANNO RESOLVEU CALIL MANSUR BUMLAI, PROPRIETARIO DAS CASAS "A ESPERANÇA" E A ANTIGA "A BRASILEIRA", HOJE REUNIDAS NUMA SÓ VENDER AO SEUS NUMEROSOS FREGUEZES POR PREÇOS VERDADEIRAMENTE BARATISSIMOS, TODOS ARTIGOS QUE TEM EM STOCK ESPECIALMENTE AQUELLES QUE SE ACHAM EM EXPOSIÇÃO.

Rua 1 de Março -- 17 -- 19

CASA

**BOM GOSTO**

DE

**Haidamus Primo & Cia**

completo e variado sortimento de fazendas, chapéus, calçados, perfumarias, miudezas, artigos de moda, etc., etc., etc.  
Preços excepcionaes!

RUA 13 DE JUNHO 82

CUIABÁ.—MATTO-GROSSO